

Capa dura

MOEDAS ROMANAS

Moeda tabuleiro 8, n.º 53, cat. 112

Moedas Romanas do Museu Municipal de Santiago do Cacém

Museu Municipal de Santiago do Cacém

MOEDAS ROMANAS DO MUSEU MUNICIPAL
DE SANTIAGO DO CACÉM

Isabel Pereira
Teófilo Silva

Câmara Municipal de Santiago do Cacém
2006

Ficha Técnica

Moedas Romanas do Museu Municipal de Santiago do Cacém

Autores:

Isabel Pereira

Teófilo Silva

Apresentação do catálogo

José d' Encarnação

Tratamento de texto:

Nuno Vilhena

Teófilo Silva

Preparação da edição

Fernanda do Vale

Isabel Pereira

Maria Eduarda

Nuno Vilhena

Teófilo Silva

Fotografia

Jorge Dias

Design gráfico

Impressão e Acabamento

Edição

Câmara Municipal de Santiago do Cacém

1ª edição; N.º de exemplares

ISBN

Depósito Legal

Em memória do Dr. João Gualberto da Cruz e Silva

Sumário

- Texto do Presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, Senhor Dr. Victor Proença.
- Apresentação do Senhor Professor Doutor José d' Encarnação.
- Palavras prévias de Isabel Pereira e Teófilo Silva.
- Signos e Abreviaturas.

I – O Museu Municipal de Santiago do Cacém e a sua Colecção de Moedas.

A – O Museu Municipal de Santiago do Cacém.

B – A Colecção de Moedas.

1) Introdução

2) A Colecção

- Miróbriga, Santiago do Cacém e Proveniência Desconhecida
- Aldeia dos Chãos
- Freguesia de Santa Cruz
- Santo André
- Outros Locais do Concelho de Santiago do Cacém
- Sines
- Odemira
- Outras Localidades do Sul
- Tesouro do Monte do Cavaleiro

II – Catálogo

1) República Romana

2) Cunhagens em Bronze da Península Ibérica

- Moedas das Cidades
- Moedas de Campanha – Publius Carisius

3) Império

- Dinastia Júlio Claudiana
- Guerra Civil
- Dinastia Flaviana
- Os Imperadores Adoptivos – Os Antoninos
- Da guerra da Sucessão a Galieno
- De Galieno a Diocleciano e a 1.ª Tetrarquia (Pré-Reforma)
- As Tetrarquias (Depois da Reforma) ao Advento da Dinastia Constantiniana
- Dinastia Constantiniana
- Dinastia Valentiniana - Teodosiana

III – As Moedas – Fac-Simile do Texto da Autoria do Dr. João da Cruz e Silva

IV – Bibliografia

1) Miróbriga: História do Sítio, das Colecções e do Museu

2) Numismática

V – Fontes Manuscritas

Texto de Abertura do Presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, Senhor
Doutor Vitor Proença

Texto de Apresentação do Senhor Professor Doutor José d' Encarnação

Palavras Prévias

O presente trabalho testemunha um esforço considerável da Câmara Municipal de Santiago do Cacém no sentido de requalificar o Museu Municipal e de estudar e divulgar as suas colecções.

Este estudo apresenta a colecção de moedas emitidas nas cidades peninsulares e em Roma, doadas pelo Dr. João da Cruz e Silva. Abre com uma pequena introdução referente à história do Museu e das suas colecções e termina com o catálogo das moedas ordenado cronologicamente e dividido por períodos históricos, seguindo as propostas de Carson (Carson, 1990). Foram fotografadas as moedas cujo estado de conservação o permitiu. As outras, muito gastas e em mau estado, foram descritas tendo em conta os pormenores visíveis. O peso e a orientação dos eixos foram sempre considerados dado a sua importância na possível determinação dos centros emissores. Infelizmente, não foi possível realizar a análise das ligas metálicas e dos pesos, especialmente importante nas séries de moedas emitidas nas cidades da Península Ibérica.

Nos comentários que antecedem o catálogo foram abordados problemas de circulação monetária, sem, todavia, ter como móbil especial realizar estudos desta natureza. O primeiro motivo do trabalho foi meramente museológico e referente à catalogação dos núcleos de moedas de origem Peninsular e Romana existentes no Museu Municipal de Santiago do Cacém.

No texto, omitimos, deliberadamente, as notas de pé de página no sentido de tornar o trabalho mais fácil e acessível a todo o público.

Cumpre-nos agradecer a disponibilidade e apoio do Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, Dr. Vítor Proença e de toda a sua equipa, da Excelentíssima Senhora Delegada Regional da Cultura do Alentejo, Dr.^a Ana Maria de Mira Borges, do Senhor Presidente do Instituto Português de Museus, Dr. Manuel Oleiro e da Rede Portuguesa de Museus, na pessoa da Dr.^a Clara Camacho que nunca se alheou dos problemas deste museu.

Agradecimentos muito especiais ao Senhor Professor Doutor José d'Encarnação que, com muita amizade, prontamente aceitou efectuar a apresentação do catálogo.

A toda a equipa do Museu Municipal de Santiago do Cacém em particular à Senhora Dr.^a Fernanda do Vale que com tanto mérito e dedicação contribuiu para a publicação deste trabalho e ao Senhor Dr. Nuno Vilhena, pela pronta e generosa colaboração, apresentamos os nossos agradecimentos e dedicamos a nossa amizade.

Finalmente, uma homenagem sentida à Senhora D. Maria Amália Guerreiro e ao Senhor Dr. Rafael Salinas Calado pelo trabalho desenvolvido, ao longo de anos, em prol do Museu Municipal de Santiago do Cacém.

Isabel Pereira
Teófilo Silva

Signos e abreviaturas

Ae – Cobre, bronze, latão (moeda de).

Aes II – Bronze, grande módulo.

Aes III – Bronze, médio módulo.

Aes IV – Bronze, pequeno módulo.

Ant – Antoniniano

Av – Anverso

Bavai – J. Gricourt, Le trésor de Bavai, *In* : J. Gricourt, G. Fabre, M. Mainjonet, J. Lafaurie. *Trésors monétaires et plaques – boucles de la Gaule romaine, Bavai, Montbouvry, Chécy*. Paris, 1958 (XII. ° supplément à Gallia) pp. 3 – 118.

BEFAR – Biblioteca das Escolas Francesas de Atenas e de Roma.

Çanakkale – H. G. Pflaum e P. Bastien. *Le trouvaille de Çanakkale (Turquie). Deniers et antoniniani émis de 261 – 284*. Wetteren, 1969 (Numismatique romaine, Essais, Recherches et Documents, IV).

Carson – R.A.G. Carson. *Coins of the Roman Empire*. Londres e Nova York, 1990.

Cf – Conferir

Crawford – H.M. Crawford. *Roman Republican Coinage*, Cambridge, 1974, 2 Vs.

D – Denário

Dp – Dupôndio

Elmer – G. Elmer. Die Münzprägung der gallischen Kaiser in Köln, Trier und Mailand. *Bonner Jahrbücher*, CXLVI, 1941, pp. 1 – 106.

Faria – A. Marques de Faria. A numária de * Cantnipo. *Conimbriga*, 28, 1989, Coimbra, pp. 71 – 79.

Farrés – O. Gil Farrés. *La moneda hispánica en la edad antigua*. Madrid, 1966.

Fouilles, III – I. Pereira, J.P. Bost e J. Hiernard; *Fouilles de Conimbriga, III Les monnaies*. Paris, 1974.

GIF – O. Gil Farrés. La ceca de la colonia Augusta Emerita. *Archivo Español de Arqueología*, 64, 1946, Madrid, pp. 209 – 248.

Heiss – A. Heiss. *Description générale des monnaies antiques d'Espagne*. Paris, 1870.

Hs – Sestércio.

MIR – Miróbriga

pp – Páginas

p. – Página

Qd – Quadrans, quadrante

Qn – Quinário

RIC – VV.AA. *Roman Imperial Coinage*. Londres, 1984, 1926, 1930, 1936, 1938, 1949, 1927, 1933, 1967, 1966, 1981, 1951.

Robertson - A.S. Robertson. *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet, University of Glasgow*. I: Augustus to Nerva, Oxford, 1962.

RNS, SP – Royal Numismatic Society, Special Publication.

Rv – Reverso

S – Semis

S/D – Sem data

S/N – Sem número

Villaronga – L. Villaronga. Emisión monetaria augustea con escudo, atribuible a P. Carisio y a la zona norte de Hispania. *XI.º Congreso Nacional de Arqueología, Mérida, 1968*, Saragosse, 1970, pp. 591 – 600.

Vives – A. Vivés y Escudero. *La Moneda Hispánica*. 1924 – 1926, Madrid.

Vol – Volume

Vols – Volumes

Vt - Victoriato

I - O Museu Municipal de Santiago do Cacém e a sua Colecção de Moedas

A - O MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

O Dr. João da Cruz e Silva, arqueólogo, numismata, e conservador do Registo Civil, natural de Santiago do Cacém, desenvolveu trabalhos arqueológicos de referência, desde 1922, nos concelhos de Santiago do Cacém, Sines e Odemira. O resultado científico desse esforço foi sistematicamente publicado em “O Arquivo de Beja”. (Silva, 1944, 1945, 1946).

Entre todos, distingue-se o trabalho realizado em S. Brás, Miróbriga, no lugar conhecido por “Castelo Velho”. A quantidade e a qualidade dos materiais arqueológicos exumados, apontavam para a necessidade de fundar um Museu em Santiago do Cacém.

Foi, então, que na sessão pública ordinária de 13 de Março de 1931 o Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, Doutor Francisco Falcão Beja da Costa, propôs a criação de um Museu Municipal. Sugeriu, na altura, o Dr.º João da Cruz e Silva para Presidente da Comissão que haveria de instalar o Museu. A instalação das colecções ocorreria no edifício da Câmara Municipal, concretamente na sala da secretaria da extinta Administração do Concelho.

A proposta foi aprovada e a respectiva acta foi ractificada na reunião seguinte, a 20 de Março de 1931.

As colecções de referência deste novo Museu eram, pois, a arqueológica e a numismática. Todavia, o núcleo arqueológico tinha como origem essencial os objectos encontrados em Santiago do Cacém e Miróbriga. O numismático incluía a colecção exumada em Miróbriga e moedas de outras proveniências, quer compradas a antiquários ou a particulares, quer trocadas ou oferecidas por amigos. Os exemplares de boa qualidade foram manuscritos no “Livro de Registo de Moedas e Medalhas”, elaborado em 1938. (Silva, 1938, manuscrito). Outros grupos numismáticos, em mau estado de conservação, foram considerados de menor importância. Foram, por isso, arquivados e não registados. Nestes, as referências foram sistematicamente omitidas, mesmo as respeitantes à proveniência ou lugar de achamento.

A exposição da colecção numismática, na Câmara Municipal, até 1971, teve em conta os princípios museológicos comuns na época e aplicados nos Gabinetes de Numismática. Eram valorizadas as peças raras e em bom estado de conservação, privilegiando uma visão temporal e evolutiva dos numismas em detrimento dos problemas relativos à circulação monetária.

É justo salientar que o espaço destinado à exposição não permitia a concretização de outros conceitos museológicos já em germinação no país, no decorrer dos anos 30.

A exposição das colecções arqueológicas, “ mal acomodadas” e não valorizando as proveniências dos núcleos arqueológicos insistia no pseudo exotismo das peças, apresentando-as como em “ gabinete de curiosidades à maneira oitocentista” no dizer de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva. (Soares e Silva, 1997).

Já no séc. XVI, André de Resende se referia a Miróbriga (Resende, 1597). Em 1720, o Marquês de Abrantes, fundador da Real Academia de História deslocou-se a Santiago no sentido de estudar inscrições. O erudito bispo de Beja, D. Frei Manuel do Cenáculo esteve em Miróbriga, em 1800 e encarregou o pároco, Padre Bonifácio Gomes de Carvalho de proceder a escavações na estação. Os materiais exumados foram para Beja e, mais tarde, para Évora. O Padre António Macedo e Silva, transcreve passagens de Resende, nomeadamente as inscrições, (Silva, 1866).

No século XIX, Leite de Vasconcelos e Felix Alves Pereira, do Museu Nacional de Arqueologia, não ficaram indiferentes à monumentalidade de Miróbriga.

Aos trabalhos do Dr. João da Cruz e Silva sucedeu-se a intervenção da responsabilidade da Direcção – Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, sob a responsabilidade do professor Afonso do Paço e da Sr.^a D. Maria de Lurdes Costa Arthur. Desta campanha existem materiais arqueológicos no Museu Municipal de Santiago do Cacém.(Arthur, 1983).

Coube, depois em 1959 ao Prof. Doutor. D. Fernando de Almeida, catedrático da Universidade Clássica de Lisboa, efectuar trabalhos de vulto na estação arqueológica. Os materiais resultantes das várias campanhas foram sendo arquivados na capela de S. Brás, junto das ruínas, (Almeida, 1963; Almeida, 1964). Ali permaneceram mal acomodados e pessimamente tratados até 1973.

Por acção de D. Fernando de Almeida, a Dr.^a Maria Luísa Abreu Nunes iniciou o estudo das moedas romanas de Miróbriga (Nunes, 1972).

D. Fernando de Almeida faleceu em Janeiro 1979. Por sua determinação as moedas por ele exumadas deram entrada no Museu Nacional de Arqueologia, enquanto que as cerâmicas e outros materiais, arquivados em S. Brás, passariam a integrar as colecções do futuro “ Núcleo Interpretativo de Miróbriga”, segundo protocolo assinado em 16 de Abril de 1997, entre o IPPAR e a Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

Em 1971 assistiu-se à instalação em Santiago do Cacém, do Gabinete de Plano de Desenvolvimento da Área de Sines (G.P.D.A.S.). (Dias, 1998). O Museu entrou em novo período de vida. Foi decidido que as colecções antigas, arqueológicas e numismáticas, fossem instaladas no edifício da cadeia comarcã edificado em 1884, da autoria do Arq.^{to} Chiapa Monteiro. Simultaneamente a equipa de arqueólogos do G.P.D.A.S., em especial, o Dr. Carlos Tavares da Silva e a Dr.^a Joaquina Soares iniciou trabalhos de

tratamento das colecções arqueológicas: lavagem, colagem, selecção, arrumação e estudo prévio dos objectos. O chefe da equipa, Dr. Farinha dos Santos, director e último responsável pelos estudos arqueológicos do G.P.D.A.S, principiou o estudo da colecção numismática do Museu. Centrou-se nas moedas emitidas pelas cidades da Península Ibérica, na Idade Antiga. Os desenhos foram da autoria da própria directora do Museu, Sr.^a D. Amália Guerreiro. Este trabalho integrava-se no projecto de publicação e divulgação das moedas do Alto e Baixo Alentejo cunhadas em centros emissores Hispânicos. Foram publicadas as peças encontradas em Cabeço de Vaiamonte, em Padrão e outras espécimes arquivadas no Museu de Évora. (Santos, 1972; Silva, Soares e Santos, 1973; Santos, 1977; Santos, 1979; Santos, 1982).

Nesta fase a Câmara Municipal de Santiago do Cacém deu todo o apoio ao projecto e aos investigadores envolvidos.

Em consequência do 25 de Abril de 1974 o Gabinete da Área de Sines foi encerrado e o projecto em curso parcialmente abandonado.

Coube, então, à Sr.^a D. Maria Amália Guerreiro formar equipa, no sentido de prosseguir os trabalhos iniciados.

Com a concordância da Câmara Municipal foi convidado o Dr. Rafael Salinas Calado no sentido de conceber e acompanhar a reinstalação do Museu, ligando-o às novas correntes da Museologia que, em liberdade se manifestavam em Portugal. O programa insistiu em três vectores principais: a instalação das colecções, a dinamização cultural e a investigação.

A instalação do espólio visava a exposição das colecções de referência do Museu, nomeadamente as de Arqueologia e Numismática e a recolha e valorização de espécimes etnográficas que iam sendo coligidas com alguma sistematização. Às colecções arqueológicas foram destinados dois espaços. Um, para o núcleo de Miróbriga e, outro, para as colecções com outras proveniências. A exposição foi concebida utilizando critérios cronológicos que apresentavam os objectos organizados desde o Paleolítico até à Idade Média.

As moedas, por sua vez, foram expostas, tendo em mente o antigo programa do Dr. João da Cruz e Silva que valorizava dois grandes grupos numismáticos: o núcleo romano e o núcleo português. Desenvolvia-se seguindo critérios cronológicos, destacando as diferentes séries e centros emissores. Um painel central fornecia informação sobre as cronologias, os centros emissores e as denominações dos exemplares expostos. Nesta área, a investigação, tão cara ao fundador do Museu, tornou-se uma aposta forte, com continuidade até hoje.

Relativamente às colecções etnográficas, foi ensaiada a apresentação dos diferentes núcleos valorizando, por um lado, a cultura alentejana sendo a área da cozinha a referência máxima e, por outro, mostrando as vivências

dos grandes proprietários, com destaque para os núcleos provenientes da “Casa Avillez”.

O próprio edifício – antiga cadeia comarcã – não foi esquecido. A instalação da rede de segurança, tão característica das prisões portuguesas, marcou positivamente a entrada do edifício. A reconstituição de uma cela prisional reforçou as vivências relativas à sua dolorosa utilização.

Foi, todavia, pela dinamização e forte ligação à comunidade que o Museu ficou conhecido. (Dias, 1998).

Foram organizados programas culturais para trabalhadores e idosos, partindo dos conhecimentos e práticas rurais dos visados. Foi igualmente criado um serviço educativo que tinha por objectivo a participação das crianças em programas simples e eficientes, versando temas variados desde a Pré – História, às Ciências Ambientais, passando pela Etnografia e pela própria Antropologia, valorizando a aprendizagem pela educação dos sentidos. Com estes objectivos nasceu o GIAM (Grupo Infantil dos Amigos do Museu), no decorrer do ano de 1979.

A organização de exposições temporárias temáticas alcançou grande prestígio. Os temas locais e regionais – feiras, cortiça, trabalhos artesanais etc. – foram estudados e explorados.

Na área da investigação, o estudo das colecções do Museu nomeadamente o registo, a inventariação e a própria investigação, tornou-se prática corrente. Técnicos especializados externos ao Museu e à Câmara Municipal de Santiago do Cacém, deram o seu contributo nesta área. O Museu Nacional do Traje, o Museu de Setúbal e o Museu Municipal do Dr. Santos Rocha participaram neste projecto.

Pequenas publicações e desdobráveis vieram a público, dando testemunho dos trabalhos em curso e confirmando as preocupações dos responsáveis do Museu.

Dado a projecção crescente do Museu, em 1983 a instituição foi proposta a concurso, entre 42 Museus de 13 países europeus, ao prémio “Museu Europeu do Ano”, prémio patrocinado pela Fundação Arthur Anderson, com o Apoio do Conselho Europeu. A distinção galardoava museus criados de raiz ou amplamente requalificados. O Museu de Santiago do Cacém obteve uma “menção honrosa”.

É justo insistir que nesta época foi notável o trabalho desenvolvido pelo Dr. Rafael Salinas Calado e pela Sr.^a D. Maria Amália Guerreiro. A eles se deve o prestígio alcançado pela Instituição a nível Nacional e Internacional.

A Sr.^a D. Maria Amália Guerreiro aposentou – se em 1995 e o Museu de Santiago do Cacém entrou em novo período da sua história. Outras orientações e necessidades surgiram. O aumento de público gerou outra dinâmica. As reservas tornaram-se exíguas para uma colecção que progressivamente crescera. O quadro de pessoal foi inevitavelmente revisto

e aumentado. Coube, então, primeiro, à Dr.^a Maria Leonor Campos repensar o programa para o Museu e, depois, à Dr.^a Fernanda do Vale terminar essa árdua tarefa, dando resposta às necessidades impostas pelas exigências do século XXI.

Fotografias Legendas

Exposição temporária temática: cortiça.

Museu Municipal de Santiago do Cacém de 25 de Agosto a 29 de Novembro de 1991.

Exposição permanente:

Cozinha tradicional alentejana

Museu Municipal de Santiago do Cacém

Dinamização cultural:

Trabalho na horta com ervas aromáticas

Grupo infantil dos Amigos do Museu (GIAM)

Museu Municipal de Santiago do Cacém

Dinamização cultural:

Trabalho na horta, preparando as sementes

Grupo infantil dos Amigos do Museu (GIAM)

Museu Municipal de Santiago do Cacém

Exposição temporária temática:

Os mastros – crenças e costumes

Museu Municipal de Santiago do Cacém de 23 de Julho de 1989 a 25 de Janeiro de 1990.

Exposição permanente:

Quarto popular

Museu Municipal de Santiago do Cacém

B - A COLECÇÃO DE MOEDAS

1 – Introdução

A colecção numismática existente no Museu Municipal de Santiago do Cacém deve-se à generosidade do Dr. João da Cruz e Silva, seu fundador e primeiro director, associado a outros beneméritos.

Juntamente com o núcleo arqueológico constituiu o móbil justificativo para a fundação do Museu em 1931 (Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 1931: manuscrito).

O Director do Museu teve a preocupação de realizar um criterioso inventário das moedas. Deixou-nos o “Registo de Moedas e Medalhas”, com termo de abertura datado de 2 de Março de 1938 e ratificado pelo representante da Câmara Municipal.

Os principais grupos de moedas existentes, segundo os critérios classificativos do Dr. João da Cruz e Silva, são as Celtibéricas, Ibéricas, República Romana (organizadas em famílias consulares), Império, Império do Oriente (Bizantinas), Visigodas, Árabes, Portuguesas (distribuídas por dinastias e centros de cunhagem), Estrangeiras (dispostas por países) e finalmente “Jetons” e “Fichas”.

Sobre as moedas de Murtilis, Carmo e Mérida faz, na nota introdutória, considerações baseadas na observação das escavações com reflexos nas respectivas cronologias.

No registo efectuado, o Dr. João da Cruz e Silva utilizou um sistema numérico bipartido: o primeiro número refere-se ao número geral do inventário, ou seja, ao número geral de registo das moedas. É uma numeração continua de 1 a 880. O segundo indica a localização da moeda dentro dos grandes agrupamentos estabelecidos.

Paralelamente a esta numeração existe outra, simples, dada provisoriamente aos espécimes não registados. No estado actual dos estudos não possuímos informações relativas a estas moedas, nomeadamente quanto à sua proveniência.

O núcleo numismático foi exposto desde a fundação do Museu, situado no edifício camarário, sendo apresentado por grandes grupos e por ordem cronológica.

A grande densidade, a rigidez e o rigor científico utilizados tornavam a exposição cansativa e só ao alcance de investigadores e numismatas. É justo salientar que a área disponível era exígua e não ajudava à compreensão das moedas expostas e dos critérios utilizados.

A colecção actualmente existente no Museu Municipal de Santiago do Cacém ultrapassa em número a que nos deixou registada o Dr. João da Cruz e Silva. Muitas das moedas são do seu tempo, mas tinham sido

rejeitadas devido ao seu deficiente estado de conservação, o que era hábito na época.

A compra, no sentido de completar a colecção, foi uma regra seguida pelo fundador do Museu.

A casa preferida e única utilizada foi a firma Almeida Lda., de Lisboa. Aí foram adquiridos os *denarii* republicanos e imperiais (cat. 10, 13, 18, 23, 24, 26, 27, 35, 145, 192 e 208), os *asses* emitidos em Bilbilis, Celsa e Nemausus (cat. 39, 50 e 149) e outro emitido em Roma, em nome de Adriano (cat. 237) e os *sestertii* de Cláudio I (cat. 164), de Trajano (cat. 230) e um póstumo de Sabina (cat. 248), igualmente cunhados em Roma.

Numa feira, em 1942, comprou um *denarius* emitido em oficina móvel com Marco António, (cat. 38).

2 – A Colecção

O presente catálogo versará o estudo das moedas cunhadas na República Romana, nas cidades da Península Ibérica e no Império Romano, existentes no Museu Municipal de Santiago do Cacém, independentemente da sua proveniência, num total de quinhentas e sessenta e cinco. O estudo dos restantes núcleos, nomeadamente do núcleo referente às moedas portuguesas, serão tratados em futuras monografias.

Os lugares referenciados e tidos como de proveniência das moedas são Miróbriga, Santiago do Cacém, Santa Cruz, Santo André, Aldeia dos Chãos, Cercal, São Francisco da Serra, Sines, Odemira e Monte do Cavaleiro. Do sul de Portugal, existem cinco numismas, de origem incerta.

Existem ainda as de proveniência desconhecida. No estudo destas moedas tivemos em consideração a sua existência no sentido de compreender as tendências da circulação monetária em Miróbriga e no seu termo. Considerá-las-emos estatisticamente tentando compreender as variações entre este núcleo e principalmente o de Miróbriga, no pressuposto de terem sido recolhidos na área de Santiago do Cacém.

MIRÓBRIGA, SANTIAGO DO CACÉM E PROVENIÊNCIA DESCONHECIDA

No Museu Municipal de Santiago do Cacém encontram-se cento e trinta e duas moedas provenientes de Miróbriga. O registos de inventário mencionavam o seu achamento em Miróbriga, Miróbriga - São Brás e herdades do Monte Branco e dos Chãos Salgados.

Para melhor compreensão do fenómeno da circulação monetária e dadas as imprecisões de alguns registos relativos aos achamentos de muitas moedas encontradas em Santiago do Cacém e “ seu termo”, optámos por integrá-las em quadros estatísticos com as devidas anotações de proveniência, no sentido de evitar a confusão com os exemplares

seguramente exumados em Miróbriga. Somam, no total, sessenta e oito espécimes.

No mesmo sentido procedemos com os duzentos e dezanove exemplares considerados de origem desconhecida. Acreditámos terem sido encontrados na sua grande maioria em Santiago do Cacém e arredores ou até em Miróbriga, como já foi anotado.

REPÚBLICA ROMANA

Da República Romana contam-se vinte e cinco moedas, sendo dezoito provenientes de Miróbriga – São Brás, duas de Santiago do Cacém e “seu termo” e cinco de proveniência desconhecida.

Quadro I

		Miróbriga /São Brás		Santiago do Cacém Seu termo		Desconhecidas		
	Cronologia	Prata	Bronze	Prata	Bronze	Prata	Bronze	Total
1. ^a Fase Até 125 a.C.	211-208 a.C.	1(cat.5) Vt 1(cat.6) Vt						2 Vt
	211-170 a.C.	1(cat.8) Vt						1 Vt
	189-180 a.C.	1(cat.9) D	1(cat.1) As					1 D + 1 As
	179-170 a.C.			1(cat.7) Vt				1 Vt
	169-158 a.C.		1(cat.2) As		1(cat.3) As			2 As
	146 a.C.	1(cat.12) D						1 D
	137 a.C.					1(cat.14) D		1 D
2. ^a Fase 124 a.C. a 46 a.C.	136 a.C.	1 (cat.15) D						1 D
	123 a.C.					1(cat.17) D		1 D
	119 a.C.	1(cat.19) D						1 D
	117-116 a.C.	1(cat.20) D						1 D
	116-115 a.C.	1(cat.21) D						1 D
	115-114 a.C.	1(cat.22) D						1 D
	103 a.C.					1(cat.25) D		1 D
	102 a.C.		1(cat.4) As					1 As
	87 a.C.	1(cat.28) D				1(cat.29) D		2 D
	86 a.C.					1(cat.30) D		1 D
	82-81 a.C.	1(cat.32) D						1 D
	74 a.C.	1(cat.33) D						1 D
3. ^a Fase 45 a.C. a 31 a.C.	67 a.C.	1(cat.34) D						1 D
	41 a.C.	1(cat.37) D						1 D
Total		3 Vt +12D 15 moedas	3 Asses 3 moedas	1 Vt 1 moeda	1 As 1 moeda	5 D 5 moedas	-	25 moedas
		72 %		8 %		20 %		100%

Na organização das moedas foi seguido o critério cronológico, considerando as três fases, propostas por Thomsen (Thomsen, 1957-61) e Crawford (Crawford, 1969):

- até 125 a.C.
- 124 – 46 a.C.
- 45 – 31 a.C.

Da primeira fase, relativamente à cunhagem de bronze, contam-se três *asses*, todos emitidos em Roma, sendo dois encontrados em Miróbriga – São Brás (cat. 1 e 2) e um em Canal, Santiago do Cacém (cat. 3).

No referente à cunhagem em prata, provenientes de Miróbriga, existem dois *victoriati*, datados de 211-208 a.C. (cat. 5 e 6), um emitido na Sicília e outro em oficina incerta. Existe um terceiro *victoriatus*, em mau estado de conservação, com cronologia de 211- 170 a.C. (cat. 8), cunhado em centro não determinado.

Em parte incerta de Santiago do Cacém, foi encontrado outro *victoriatus* de Roma, datado de 179 – 170 a.C. (cat.7).

Relativamente aos *denarii*, existem três provenientes de Miróbriga (cat. 9, 12 e 15) datados de 189 – 180 a.C., 146 a.C. e de 136 a.C., respectivamente e outro de proveniência desconhecida (cat.14), datado de 137 a.C., todos cunhados em Roma.

Da segunda fase, foram encontrados em Miróbriga um *as* (cat.4), de Roma, datado de 102 a.C. e oito *denarii* (cat. 19, 20, 21, 22, 28, 32, 33, 34) datados de 119 a.C., 117 – 116 a.C., 116 – 115 a.C., 115 – 114 a.C., 87 a.C., 82 – 81 a.C., 74 a.C., 67 a.C., emitidos em Roma, com excepção do (cat.32) cunhado no Norte de Itália ou Espanha.

De proveniência desconhecida existem quatro *denarii*, de Roma (cat. 17, 25, 29 e 30).

Da terceira fase e de Miróbriga existe um *denarius* (cat.37), datado de 41 a.C. e cunhado em centro emissor móvel, com Marco António.

Não foram localizados tesouros republicanos em Miróbriga ou em Santiago do Cacém e “seu termo”.

O número de exemplares encontrados em Miróbriga e comparado com o de Conimbriga, é, em termos percentuais, mais elevado e mais rico.

Como conclusão geral deste período, podemos afirmar que a penetração do numerário republicano se verificou no séc. II a.C., cresceu ao longo do séc. II a.C., até 125 e manteve-se durante os setenta e oito anos que medeiam entre 124 e 46 a.C.

Para o terceiro período existe apenas um exemplar, ao contrário do verificado em Conimbriga (Fouilles, 1974).

Relembramos que os exemplares estudados são provenientes de escavações antigas, efectuadas na primeira metade do séc. XX, e que, por isso, desconhecemos a respectiva estratigrafia assim como os outros materiais exumados que lhes estariam associados.

Deste modo, é extremamente difícil conhecer o termo exacto da circulação destas moedas. Algumas, *victoriatii*, *denarii* e *asses*,

apresentam-se muito gastas com sinais de longa circulação. Os *denarii* circularam, como moeda regular, até ao séc. II d.C., ao lado dos *denarii* imperiais (Fouilles, III, 1974), enquanto que os *asses* circularam em Bolsena, Itália, até Nerva (Callu, Panvini – Rosati, 1964). Admitimos, que, em Miróbriga, possam ter circulado durante a dinastia flaviana, paralelamente com as moedas emitidas pelas cidades da Península atingindo o início do período dos Antoninos (96-193).

CUNHAGENS DA PENÍNSULA IBÉRICA

MOEDAS DAS CIDADES

Consideramos incluídas nesta rubrica – moedas emitidas nas cidades da Península Ibérica – todas as emissões de prata ou bronze, efectuadas pelos povos ibéricos, antes e durante a dominação romana, assim como as séries hispano-romanas emitidas pelas cidades até ao reinado de Gaius e as moedas de campanha atribuídas a Publius Carisius.

No caso em estudo tratam-se de *dupondii*, *asses* e *quadrantes*, todas moedas de bronze.

Orientámos, no geral, a classificação das moedas pelo clássico trabalho de Farrés (Farrés, Madrid, 1966), completada pela abundante ilustração de Vives (Vives, 1924-1926) e norteadas pelos comentários de Guádan (Guádan, 1969).

Relativamente à cronologia e à metrologia seguimos as propostas de Farrés (Farrés, 1966), não esquecendo as sugestões de Villaronga (Villaronga, 1979 e 1994).

O conjunto de moedas em questão foi sintetizado no quadro seguinte:

Quadro II

Miróbriga – S. Brás													
Cronologia Villaronga	Séc. II a.C.	Séc. II a.C.	Séc. II a.C.	Séc. II – I a.C.	Séc. I a.C.	42 a.C.	-	-	-	-	-	-	-
Cronologia Farrés	120 – 90 a.C.	Anterior 49 a.C.	47 - 44 a.C.	Anterior a 49 a.C.	47 – 44 a.C.	45 - 42 a.C.	27 - 25 a.C.	25 -23 a.C.	23 –12 a.C.	13 - 12 a.C.	12 a.C.	14 - 37 d.C.	Ilegível
Caesaraugusta													
Calagurris													
Carthagonova						1(cat. 42)							
Carmo		1 (cat.45)											
Castulo ou Obulco				1 (cat.48)									
Celsa													
Colonia Patricia													
Corduba		2 (cat.53, 56)											
Ebora											1 (cat. 59)		
Emerita								1 (cat.60)	1 (cat.61)			5 (cat.63, 66, 70, 71, 72)	
Gades			1 (cat.75)										
Graccurris													
Italica													
Ketovion			14 (cat. 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 97)		2 (cat. 100, 101)								
Murtilis			10 (cat. 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112)										
Romula													
Saguntum - Arse	1 (cat.116)												
Sexs			1(cat.117)										
Traducta										4 (cat. 119, 120, 121, 122)			
Urso		1 (cat. 123)											
Ilegíveis													2 (cat. 130, 132)
Cunhagem de campanha							3 (cat., 137, 140, 142)						
Total	1	4	26	1	2	1	3	1	1	4	1	5	2

Santiago do Cacém						
Cronologia Villaronga	Séc. II a.C.	Séc. II a.C.	-	-	-	-
Cronologia Farrés	Anterior 49 a.C.	47 - 44 a.C.	27 - 25 a.C.	13-12 a.C.	14-29 d.C.	14 -37 d.C.
Caesaraugusta						
Calagurris						1 (cat. 41)
Carthagonova						
Carmo	1 (cat.46)					
Castulo ou Obulco						
Celsa			1 (cat.49)			
Colonia Patricia				1 (cat. 52)		
Corduba						
Ebora						
Emerita						1 (cat.67)
Gades						
Graccurris						1 (cat.77)
Italica						1 (cat.79)
Ketovion		2 (cat. 98, 99)				
Murtilis						
Romula					1 (cat.115)	
Saguntum - Arse						
Sexs		1 (cat.118)				
Traducta						
Urso						
Ilegíveis						
Cunhagem de Campanha			2 (cat.134, 139)			
Total	1	3	3	1	1	4

Desconhecidas																
Cronologia Villaronga	Séc. II a.C.	Séc. II a.C.	Séc. II - I a.C.	Séc. I a.C.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Total dos quadros
Cronologia Farrés	Anterior 49 a.C.	47 - 44 a.C.	Anterior 49 a.C.	47 - 44 a.C.	27 - 25 a.C.	23 -12 a.C.	23 a.C.	13-12 a.C.	12 a.C.	5 d.C.	14 -29 d.C.	Anterior 19 d.C.	14 -37 d.C.	23 d.C.	Ilegível	
Caesaraugusta												1 (cat.40)				1
Calagurris																1
Carthagonova										1 (cat.43)				1 (cat.44)		3
Carmo																2
Castulo ou Obulco			1 (cat.47)													2
Celsa																1
Colonia Patricia								1 (cat.51)								2
Corduba	2 (cat.54, 55)															4
Ebora									1 (cat.58)							2
Emerita						1 (cat.62)							5 (cat. 64, 65, 68, 69, 73)			14
Gades		1 (cat.76)														2
Graccurris																1
Italica							1 (cat.78)						1 (cat.80)			3
Ketovion		3 (cat.92, 95, 96)		1 (cat.102)												22
Murtilis																10
Romula											1 (cat.114)					2
Saguntum - Arse																1
Sexs																2
Traducta																4
Urso																1
Ilegíveis															7 (cat.124, 125, 126, 127, 128, 129, 131)	9
Cunhagem de campanha					6 (cat.133, 135, 136, 141, 143, 144)											11
Total	2	4	1	1	6	1	1	1	1	1	1	1	6	1	7	100

Relativamente às moedas exumadas em Miróbriga contam-se cinquenta e duas, datadas desde o séc. II a.C., até Tibério 14-37d.C.

Emitidas no sistema uncial, correspondente cronologicamente ao séc. II a.C., segundo as mais recentes propostas de Villaronga (Villaronga, 1979 e 1994: sistema de 31grs.; sistema uncial ligeiramente reduzido de 23-27 grs. e sistema uncial ainda mais reduzido, abaixo de 20 grs.), estão presentes o *dupondius* de Carmo (cat.45), os dois *quadrantes* de Corduba (cat. 53 e 56), o *as* de Gades (cat. 75), os catorze *asses* de Ketovion (cat. 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94 e 97), os oito *dupondii* de Murtilis (cat. 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109 e 110), os dois *asses* também de Murtilis (cat. 111, 112), o *quadrans* de Saguntum-Arse (cat.116), o *as* de Sexs (cat. 117) e, finalmente, o *dupondius* de Urso (cat.123).

Para Farrés as cronologias propostas são mais baixas, 120-90 a.C. para o *quadrans* de Sanguntum-Arse e, a primeira metade do séc. I a.C. para os restantes exemplares mencionados.

Por dificuldade de classificação, motivada pelo mau estado da moeda, foi por nós atribuída uma datação duvidosa, que oscila entre o séc. II e I a.C., ao *semis* emitido em Cástulo ou Obulco (cat. 48).

Com cronologia do séc. I a.C., segundo as sugestões de Villaronga e com a datação precisa 47-44 a.C. de Farrés, contam-se os dois *asses*, cunhados em Ketovion (cat. 100 e 101), tipo duas espigas verticais no anverso e hipocampo.no reverso

Por sua vez o *semis*, emitido em Carthagonova, com cabeça de Palas à direita no anverso e, com estátua sobre pedestal no reverso (cat. 42) é datado por Farrés entre 45-42 a.C. e por Villaronga 42 a.C., seguindo a proposta de Beltran (Beltran, 1949, 1952).

No que se refere à cunhagem móvel de campanha, atribuída a Publius Carisius, durante a guerra contra os Cantábros, em 27-25 a.C. existem três *asses* (cat. 137, 140 e 142).

Emitido em Mérida, igualmente em nome de Publius Carisius e datada de 25-23 a.C. existe um *as* (cat. 60).

Em nome de Augusto cita-se o *as* (cat.61) emitido em Mérida, em 23-12 a.C. e, outros quatro *asses* de Traducta, datados de 13-12 a.C. (cat. 119, 120, 121 e 122).

Finalmente com a datação atribuída a 12 a.C., menciona-se o *as* atribuído a Eborá, com anverso ilegível e reverso muito gasto, tornando a classificação muito duvidosa (cat. 59).

Cunhadas sob Tibério, 14-37, no centro emissor de Mérida, em nome de Augusto divinizado, existem três moedas, possivelmente um *dupondius* e dois *asses* (cat. 63, 66 e 70). Em nome de Tibério emitidas igualmente em Mérida contam-se outros dois *asses* (cat. 71 e 72). De centro emissor

indeterminado, muito gastas e ilegíveis, estão presentes dois numismas, um *semis* e um *quadrans* (cat. 130 e 132).

Encontradas em Santiago do Cacém e “seu termo” foram registadas treze moedas num horizonte de cem, emitidas na Península Ibérica.

Segundo a cronologia formulada por Villaronga datam do séc. II a.C. o *dupondius*, emitido em Carmo, (cat. 46); os dois *asses* de Ketovion (Alcácer do Sal), (cat. 98 e 99) e o *as* de Sexs (cat. 118). Farrés no trabalho de referência citado atribui-lhes uma cronologia mais recente que se enquadra no início do terceiro quartel do séc. I a.C.

Datadas de 27-25 a.C., segundo Farrés, conta-se o *as* de Celsa (cat. 49), e as duas moedas referente à cunhagem móvel de campanha, efectuada por Publius Carisius, nomeadamente, um *dupondius* e um *as* (cat. 134 e 139).

Em nome de Augusto, de 13-12 a.C., existe um outro *as* emitido em Colonia Patricia (cat. 52).

Do reinado de Tibério há um *as* datado de 14-29, cunhado em Rómula com reverso de cabeças afrontadas e legenda GERMANICVS CAESAR DRVSVS CAESAR (cat. 115) e outras quatro moedas emitidas em Calagurris, Mérida, Graccurris e Italica (cat. 41, 67, 77 e 79).

De proveniência desconhecida foram registadas trinta e cinco moedas, que abrangem um período desde o séc. II ou I a.C., segundo as duas propostas cronológicas anteriormente mencionadas, até ao reinado de Tibério, 14-37.

Do séc. II a.C., segundo Villaronga, ou anterior a 49 a.C., segundo Farrés, existem dois *quadrantes* de Corduba (cat. 54 e 55). Ainda com cronologia atribuída ao séc. II a.C. ou a 47-44 a.C., segundo Villaronga ou Farrés, respectivamente, foram registados um *as* de Gades (cat. 76) e três *asses* de Ketovion (cat. 92, 95 e 96). Do séc. II- I a.C. ou anterior a 49 a.C., segundo os autores referidos, aparece um *semis*, de Castulo ou Obulco (cat. 47). Do séc. I a.C. ou de 47-44 a.C. foi registado um *as* de Ketovion (cat. 102), com duas espigas verticais à direita no anverso e hipocampo à esquerda no reverso.

Das campanhas relativas à guerra Cantábrica, 27-25 a.C., existem seis exemplares: três *dupondii* (cat. 133, 135 e 136) e três *asses* (cat. 141, 143, 144). Carece de explicação o numero razoável de *dupondii* existentes, num total de quatro, sendo um encontrado em Santiago do Cacém e “seu termo”, desconhecendo-se a proveniência dos outros três.







Da época de Augusto foram anotadas cinco moedas: um *semis*, cunhado em Mérida, datado de 23-12 a.C. (cat. 62); um *as* de Italica, datado de 23 a.C. (cat. 78); um *as* de Colonia Patricia datado de 13-12 a.C. (cat. 51); um *as* de Ebora, datado de 12 a.C. (cat. 58) e, finalmente, um *semis* de Carthagonova datado de 5 d.C (cat. 43).

Do consulado de Tibério, mas cunhadas em nome de Augusto divinizado, foram emitidos em Mérida quatro *asses* (cat. 64, 65, 68 e 69) e um *dupondius* em Romula (cat. 114).

Ainda, com Tibério, existe um *as*, cunhado em Mérida, de classificação duvidosa (cat. 73), um *semis* de Caesaraugusta (cat. 40), um *semis* de Italica (cat. 80) e um *as* de Carthagonova (cat. 44).

De cronologia indeterminada, com anverso e reverso ilegíveis existem sete exemplares: quatro *asses* (cat. 124, 125, 126 e 127) e três *semisses* (cat. 128, 129 e 131).

Merecem, pela sua especificidade, alguns comentários as emissões de Ketovion e de Murtilis.

Relativamente às emissões de Ketovion estudos de A. Marques Faria abordam problemas relacionados com esta cunhagem (Faria, 1989, 1992). No primeiro analisa as moedas já publicadas e outras inéditas e ordena-as em emissões e séries tipológicas. Sugere uma nova leitura para a legenda toponímica -       e defende a sua localização em Alcácer do Sal. Quanto à cronologia não faz propostas, aguardando outros estudos, embora a organização dos numismas seja, em si mesma, uma proposta de emissões ordenadas.

Relembramos, contudo, as recentes propostas de Villaronga, que apontam o século II a. C. como data provável do início destas emissões (Villaronga, 1979 e 1994).

Salientamos os comentários do Dr. João da Cruz e Silva na introdução manuscrita às moedas do Museu Municipal de Santiago do Cacém. Indica que foram descobertas na parte norte das ruínas de Miróbriga, zona mais antiga do povoado, junto a sepulturas “onde se encontravam vestígios de cremação e objectos das épocas Hallstatt e La.Téne...”. Comenta ainda que ficou “com a impressão de que todas elas haviam sido colocadas perto das urnas, cujos restos de algumas de barro se encontram no museu...” (Silva, 1938; anexo I).

Embora A. Marques de Faria, nos trabalhos atrás citados, apresente propostas interessantes, organizaremos o presente catálogo, seguindo critérios meramente tipológicos, considerando os tipos quer do anverso quer do reverso. Surgem assim grandes grupos que denominamos de tipos, divididos em séries, estas mais restritas e específicas.

Tipo I – Anverso com cabeça de Hércules – Reverso com atuns à direita e com legenda indígena entre eles.

Série 1 – Sem nome do magistrado no anverso (cat. 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87)

Série 2 – Com nome de magistrado no anverso: ODACIS. A (edilis ?) (cat. 88)

Tipo II – Anverso com cabeça de Hércules – Reverso com golfinhos à esquerda e com legenda indígena entre eles.

Série 1 – Com nome de magistrado no anverso: ANDVGEP (?) SISVC(urhil) F (ilius) TVL (...) (cat. 89).

Série 2 – Com o nome do magistrado no anverso: CANTNIP (... ?) EONIAE F (ilius) (cat. 90 e 91).

Série 3 - Com legenda do anverso ilegível (cat. 92).

Tipo III – Anverso com cabeça barbada e laureada de Júpiter à esquerda – Reverso com atuns à direita e com legenda indígena entre eles.


Série 1 – Com o nome do magistrado no anverso: CANDNIL (...?) SISCRA F (ilius) (cat. 93, 94, 95, 96 e 97).

Série 2 – Com o nome do magistrado no anverso: SISBE SISCRA F (ilius) A (edilis ?) (cat. 98).

Série 3 – Com legenda do anverso ilegível (cat. 99).

Tipo IV – Anverso com espigas verticais - Reverso com hipocampo e S

Série 1 – Hipocampo com ~ inciso (cat. 100, 101 e 102).

Nenhuma moeda deste conjunto apresentava, claramente, a omissão do primeiro signo (, interpretado como símbolo astral por Faria (Faria, 1992).

À colecção do Museu Municipal de Santiago do Cacém faltam tipos e séries registados em Farrés e Faria (Farrés, 1966; Faria, 1989). Neste contexto não nos é permitido alargar as conclusões já conhecidas para as emissões de Alcácer do Sal. Outros estudos onde, além da mera tipologia, sejam contemplados a análise das ligas e as variantes do peso trarão, com certeza, conclusões mais claras relativas à evolução das cunhagens e à respectiva cronologia.

Todavia, parece-nos evidente, quando comparadas estas emissões com as de Gades, o seu natural parentesco. Os estudos metrológicos efectuados por Villaronga colocam as duas emissões no séc. II a.C., admitindo, todavia, o prolongamento das cunhagens de Alcácer do Sal até ao séc. I a.C., coincidindo com o aparecimento das emissões com anverso de duas espigas e com reverso de hipocampo e S inciso (cat. 100, 101 e 102). Salienta-se que neste período poderá ter ocorrido a mudança de nome da cidade para *Imperatoria Salacia*. Concomitantemente, dar-se-ia a emissão dos *asses* tendo no anverso a cabeça barbada de Neptuno, com tridente atrás, e, no reverso, os típicos golfinhos e, entre eles, a legenda *IMP SAL*. Note-se, contudo, que este tipo de *asses* apresenta um peso compatível, dentro do sistema uncial corrente, segundo Villaronga, com uma cronologia atribuída ao séc. II a.C. (Villaronga, 1979).

Cunhadas em Murtilis, actual Mértola, possui o Museu Municipal de Santiago do Cacém, dez moedas encontradas em Miróbriga. Não existem exemplares provenientes de Santiago do Cacém ou de lugar desconhecido. Todo o núcleo foi organizado por tipos e séries, seguindo o critério já utilizado para os numismas emitidos em Alcácer do Sal. Foram registados os tipos e as séries seguintes:

Tipo I: No anverso espiga horizontal à direita, com nome de magistrado – No reverso atum à direita.

Série 1 – No anverso, com o nome do magistrado: L (ucius) AP (puleius ?) DEC (ianus ?) (cat. 103, 104, 105 e 106)

Série 2 – No anverso com o nome do magistrado L (ucius) AC (ilius) MAL (leolus ?) (cat. 107, 108 e 109)

Série 3: Com o nome do magistrado ilegível (cat. 110)

Tipo II – No anverso cabeça masculina. No reverso águia (cat. 111).

Tipo III – No anverso espiga horizontal à direita. No reverso águia (cat. 112).

Quanto à metrologia das séries mais antigas de Murtilis, com espiga e atum, o peso médio dos exemplares disponíveis (cat. 103 a 110) confirmam as anotações de Villaronga integrando-a no sistema de 31 grs. (Villaronga, 1979). Por outro lado à moeda (cat. 111), com cabeça masculina no anverso e com águia no reverso, foi atribuída igualmente por Villaronga, uma cronologia de finais do séc. II a.C., mais recente, pois, que as séries anteriores (Villaronga, 1994). Os mesmos argumentos metrológicos e tipológicos, por semelhantes, servirão para datar a moeda (cat. 112), com espiga no anverso e águia no reverso.

Relativamente às condições de achamento destas moedas de Murtilis em Miróbriga, o Dr. João da Cruz e Silva é muito claro quando afirma que as moedas de Murtilis, Carmo e Mérida foram encontradas em lugar oposto às de Ketovion, onde as construções pareciam posteriores (Silva, 1938: manuscrito - anexo I; 1945), contrariando, pois, as evidências cronológicas anotadas, baseadas na metrologia, defendidas por Villaronga.

Relativamente às cunhagens das cidades peninsulares, o quadro III sintetiza as propostas cronológicas, segundo os dois autores de referência e apresenta as respectivas percentagens, tendo por horizonte as moedas do período em estudo, num total de cem exemplares.

Quadro III

Villaronga	Farrés	Miróbriga	Santiago do Cacém	Desconhecida	Total	Percentagem
Séc. II a.C.	120-44 a.C.	31	4	6	41	41 %
Séc. II – I a.C:	Anterior a 49 a.C.	1	-	1	2	2 %
Séc. I a.C.	49 a.C. a 31a.C	3	-	1	4	4 %
31 a.C. – 14 d.C.	31 a.C. – 14 d.C.	10	4	11	25	25 %
14 – 37	14 -37	5	5	9	19	19 %
Ilegíveis sem data	Ilegíveis sem data	2	0	7	9	9 %

Emitidas no séc. II a.C. ou 120-44 a.C., existem trinta e uma moedas encontradas em Miróbriga (cat. 45, 53, 56, 75, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 97, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117 e 123), quatro em Santiago do Cacém (cat. 46, 98, 99 e 118) e seis provenientes de lugar desconhecido (cat. 54, 55, 76, 92, 95 e 96), num total de 41 % das moedas peninsulares existentes. Do séc. II-I a.C. ou anterior a 49 a.C. existem dois numismas – uma encontrada em Miróbriga (cat. 48) e outra de proveniência desconhecida (cat. 47), perfazendo 2 % das emissões Peninsulares.

Do séc. I a.C. ou de 49-31 a.C. existem quatro exemplares, três encontrados em Miróbriga (cat. 42, 100 e 101) e um encontrado em local desconhecido (cat. 102), num total de 4%.

Da dinastia Júlio-Claudiana contam-se quarenta e quatro espécimes. Vinte e cinco emitidas em nome de Augusto (cat. 43, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 78, 119, 120, 121, 122, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143 e 144) e dezanove sob Tibério (cat.40, 41, 44, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 79, 80, 114 e 115), incluindo as cunhagens em nome de Augusto divinizado, perfazendo 44 %.

Existem nove moedas ilegíveis duas encontradas em Miróbriga (cat. 130 e 132) e outras sete de proveniência desconhecida (cat. 124, 125, 126, 127, 128, 129 e 131), perfazendo num total de 9 %.

Realçamos que as emissões de Ketovion e Murtis foram as principais fontes de alimentação de Miróbriga. A série móvel atribuída a Publius Carisius, emitida no consulado de Augusto, teve papel primordial, com onze exemplares presentes. Sobressaem, pela raridade, os *dupondii*, num total de quatro moedas (cat. 133, 134, 135 e 136).

Mérida, com catorze numismas, foi um centro importante de abastecimento de Miróbriga e da sua área envolvente. Emitidas no consulado de Augusto contam-se três exemplares (cat. 60, 61 e 62) e no de Tibério onze (cat. 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72 e 73).

Os centros emissores presentes neste conjunto de moedas são no geral localizados na Ulterior, com excepção dos exemplares cunhados em Caesaraugusta (cat. 40), em Calagurris (cat. 41), em Celsa (cat. 49) e em Graccurris (cat. 77), situados na zona do Ebro. Apresentam todavia uma representação muito fraca, reduzida a uma espécimen por centro emissor e todas datadas da época Júlio-Tiberiana.

Para concluir, a estatística aponta para uma penetração em força do numerário, emitido na Península, em Miróbriga e no seu território envolvente, cerca do séc. II a.C., com decréscimo acentuado no séc. I a.C. e com um reforço na época Augusto-Tiberiana.

A circulação destas moedas processou-se, em conjunto com as republicanas, naturalmente até à época imperial, circulando, provavelmente, até ao período flaviano. O desgaste das peças apontam para uma larga utilização mesmo que circulando como moeda divisionária (Fouilles, III, 1974).

DINASTIA JÚLIO – CLAUDIANA **31 A .C. – 68 D.C.**

Examinemos o núcleo monetário referente à dinastia Júlio – Claudiana, 31 a .C. – 68 d. C., resumido no quadro anexo.

Quadro IV
Dinastia Júlio Claudiana
31 a.C. a 68 d.C.

		Miróbriga					Santiago					Desconhecida					Total
		D	Hs	Dup.	As	Qd	D	Hs	Dup.	As	Qd	D	Hs	Dup.	As	Qd	
Augustus 31 a.C. a 14 d.C.	Lugdunum				1 (cat. 148)		1 (cat.146)								1 (Cat.147)		3
	Nemausus									1 (cat.150)							1
	Roma														2 (cat.152, 153)	1 (cat.151)	3
	Ilegíveis				1(cat.155)					1 (cat.156)					1 (cat.157)		3
Póstumas depois 14 d.C.															2 (cat.158, 159)		2
Tiberius 14-37 d.C.	Lugdunum											2 (cat.161, 162)					2
Claudius 41-54	Roma	1 (cat.163)		1 (cat.166)					1 (cat.167)					1 (cat.168)			4
	Centros emissores locais				5 (cat.171, 173, 175, 181, 182)					1 (cat. 179)					6 (cat.172, 174, 176, 177, 178, 180)		12
	Ilegíveis				2 (Cat. 184, 190)										6 (cat.183, 185, 186, 187, 188, 189)		8
Nero 54-68	Roma					1 (cat.193)						1 (cat.191)			2 (cat.194, 195)		4
Ilegíveis da dinastia Júlio - Claudiana 31 a . C, a 68 d.C.					3 (cat.196, 197, 200)										9 (cat.198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207)		12
Total		1	-	1	12	1	-	1	1	3	-	3	-	1	29	1	54
		27,78%					9,26%					62,96%					100 %

Dos centros emissores representados no consulado de Augusto aparecem moedas emitidas em Lugdunum, em Nemausus e em Roma.

De Lugdunum anota-se à presença de um *as* encontrado em Miróbriga (cat. 148), de um *sestertius* (cat. 146) encontrado em Santiago do Cacém e de outro *as* de proveniência desconhecida (cat. 147).

Para o centro emissor de Nemausus o registo anota a presença de um único *as*, encontrado em Santiago do Cacém (cat. 150).

Relativamente a Roma, os exemplares registados, em número de três, um *quadrans* e dois *asses*, são todos de proveniência desconhecida (cat. 151, 152 e 153).

De centro emissor indeterminado, com exemplares em mau estado de conservação e ilegíveis, anotamos a presença de um *as* encontrado em Miróbriga (cat. 155), de outro encontrado em Santiago do Cacém (cat. 156) e de um outro com proveniência desconhecida (cat. 157).

Em nome de Augusto “Vivo”, documentaram-se, assim, um total de dez numismas. Em nome de Augusto, cunhadas sob Tibério, de 14 a 37 d .C., registaram-se dois *asses* (cat. 158 e 159) encontrados em localidade desconhecida.

De Tibério, cunhadas em Lugdunum e encontrados em local desconhecido existem dois *denarii* (cat. 161 e 162).

De Cláudio I, 41 – 54 d.C., estudaram-se quatro exemplares cunhados em Roma. Deste centro emissor foram encontrados, em Miróbriga, um *denarius* (cat. 163) e um *dupondius* (cat. 166). De proveniência desconhecida existe um *dupondius* (cat. 168). De Santiago do Cacém existe um outro *dupondius* (cat. 167).

Ainda do reinado de Cláudio I existem doze moedas, muito gastas, todas *asses*, de desenho degradado, com cunho do reverso mal centrado e, no geral, de menor peso que as séries de Roma. São emissões consideradas locais ou regionais (cat. 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181 e 182). Representam, num horizonte de vinte quatro moedas, uma percentagem de 50%. Outros exemplares, num total de oito, muito gastos e ilegíveis foram classificados como tendo sido cunhados em centro emissor indeterminado. Poderão reunir-se ao grupo anterior, considerando as suas características físicas nomeadamente o módulo e o peso (cat. 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189 e 190).

De Nero, 54 – 68, existem no Museu Municipal de Santiago do Cacém quatro moedas: um *quadrans* (cat. 193) encontrado em Miróbriga, um *denarius* de proveniência desconhecida (cat. 191) e dois *asses* (cat. 194 e 195), igualmente registados como sendo de proveniência desconhecida.

Finalmente, atribuíveis à dinastia Júlio - Claudiana, mas em péssimo estado de conservação existem doze *asses*, três encontrados em Miróbriga (cat. 196, 197 e 200) e nove de proveniência desconhecida (cat.198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206 e 207), muitos deles, provavelmente,

emitidos em nome de Cláudio I, em centros emissores locais ou regionais. Este numerário é extremamente abundante na Península Ibérica. Em Conimbriga, em S. Cucufate e Noroeste da Hispânia a sua presença é notória (Fouilles III, 1974; Centeno, 1987; S. Cucufate, 1990). Parece justificar-se no sentido de suprir a falta de moeda corrente, de baixo valor, motivada pelo encerramento, decretado por Gaius, dos centros emissores das cidades. O estado de conservação destas moedas – extremamente gastas – permite aduzir um largo período de circulação, provavelmente até finais do séc. I inícios do séc. II.

DINASTIA FLAVIANA 69 – 96

Examinemos os exemplares cunhados no período flaviano de 69 a 96 d.C., agrupados no quadro V.

Quadro V

		Miróbriga					Santiago					Desconhecidas					Total
		D	Hs	Dp	As	Qd	D	Hs	Dp	As	Qd	D	Hs	Dp	As	Qd	
Vespasianvs (69-79)	Roma		1 (cat. 211)	1 (cat. 210)								1 (cat. 209)			1 (cat. 212)		4
Titvs Caesar (68-69)	Roma	1 (cat. 213)															1
Domitianvs (81-96)	Roma			1 (cat. 218)			1 (cat. 214)							1 (cat. 216)	3 (cat. 215, 217, 219)		6
Ilegíveis	Roma													1 (cat. 220)	2 (cat. 221, 222)		3
Total		1	1	2	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2	6	-	14
		28,6%					7,1%					64,3%					100 %

A primeira anotação que se impõe, refere-se à fraca quantidade de moedas encontradas, catorze para o período em análise. Explica-se parcialmente o fenómeno pela grande massa monetária ainda em circulação – moedas da República, moedas Julio-Claudianas ou até moedas cunhadas na Península Ibérica. Todavia, é necessário ponderar o grande empenho político colocado por estes imperadores, relativamente à Península.

Prevalecem neste pequeno conjunto, os exemplares considerados de proveniência desconhecida, num total de nove, equivalendo a 64,3%.

Santiago e o “seu termo” forneceu uma única moeda representando 7,1% e Miróbriga forneceu quatro moedas equivalendo a 28,6%.

Com tão fraca quantidade de numerário os resultados estatísticos aplicados à circulação monetária tornam-se pouco fiáveis.

Em segundo lugar é de considerar o sinal positivo dado pela presença dos três *denarii*, um cunhado em nome de Vespasiano (cat. 209), outro com Vespasiano – Tito (cat. 213) e um outro em nome de Domiciano (cat. 214).

Em terceiro lugar o exame das moedas existentes, nomeadamente o seu estado de conservação, muito gastas pelo uso, permite-nos aduzir um largo período de circulação que ultrapassará o séc. II, atingindo possivelmente os meados do séc. III.

Quanto aos imperadores representados surge Vespasiano com um *sestertius* (cat. 211) e um *dupondius* (cat. 210) encontrados em Miróbriga e com um *denarius* (cat. 209) e um *as* (cat. 212) encontrados em lugar desconhecido. Em nome de Tito Caesar apareceu um único *denarius* (cat. 213) encontrado em Miróbriga. De Domiciano registaram-se um *dupondius* (cat. 218) de Miróbriga, um *denarius* de Santiago de Cacém (cat. 214) e três *asses* (cat. 215, 217 e 219) e um *dupondius* (cat. 216) de proveniência desconhecida. Atribuídos ao período 69-96, com o nome do imperador ilegível foram encontrados, em lugar desconhecido, um *dupondius* (cat. 220) e dois *asses* (cat. 221 e 222).

OS IMPERADORES ADOPTIVOS – OS ANTONINOS

96 – 193

Neste período que se estende dos finais do séc. I aos finais do séc. II, foram protagonizadas as grandes transformações urbanísticas de Miróbriga: construção do Circo em meados do séc. II, das termas orientais nos inícios do séc. II e das termas ocidentais na segunda metade do séc. II (Biers, 1988).

Embora os achados das moedas pouco sirvam, no caso concreto de Miróbriga, para datar os monumentos, existe um núcleo assinalado pelo Dr. João da Cruz e Silva (Silva, 1938: manuscrito) e relacionado com o Circus, que merece especial atenção. Trata-se do conjunto de moedas – cat. 59 (66/12); 155 (69/15); 175 (64/10); 190 (67/13); 196 (68/14); 261 (65/11); 303 (63/9) – que no registo, relativamente à peça 63/9, explicita “moeda muito gasta, encontrada nas escavações de Chãos Salgados, em 1935, junto dos muros do Circo Romano”. Relativamente aos restantes numismas comenta “como a anterior”. Deste conjunto assinala-se uma moeda emitida em Évora, 12 a.C. (cat. 59), outra ilegível, mas de Augusto (cat. 155), duas de Cláudio I (cat. 175 e 190); outra ilegível da dinastia Julio-Claudiana (cat. 196), outra de Faustina I (cat. 261) e, finalmente outra ilegível,

atribuída ao séc. I ou II (cat.303). Encontram-se todas muito gastas, aparentando uma longa circulação. Estas moedas parecem, pois, relacionar-se com a construção do Circus.

As moedas existentes, num total de setenta e seis exemplares, não demonstram a grande actividade operada em Miróbriga. É certo que, quando comparado com período anterior o diferencial da massa circulante é assinalável – catorze moedas *versus* setenta e seis. Por outro lado, quando examinada a percentagem no horizonte total de quatrocentas e dezanove moedas – Miróbriga, Santiago do Cacém e moedas de proveniência desconhecida – o período em análise perfaz 18,14%.

Quadro VI
Os imperadores adoptivos – Os Antoninos
96–193

		Miróbriga					Santiago do Cacém					Desconhecidas					Total
		D	Hs	Dp	As	Qd	D	Hs	Dp	As	Qd	D	Hs	Dp	As	Qd	
Traianvs (98-117)	Roma		1 (cat.228)				1 (cat.224)	1 (cat.229)	1 (cat.225)			1 (cat.223)		3 (cat.226, 227,231)			8
Hadrianvs (117-138)	Roma				2 (cat.245, 247)			2 (cat.233, 238)					6 (cat.232, 239, 240, 241, 242, 243)	1 (cat.236)	3 (cat.235, 244, 246)		14
Antoninvs Pivs (138-161)	Roma		2 (cat.253, 255)					1 (cat.251)					1 (cat. 249)	2 (cat.250, 254)	1 (cat. 252)		7
Faustina (138 a depois de 141)	Roma		1 (cat.258)		3 (cat.261, 262,263)								1 (cat.257)		1 (cat.260)		6
Marcvs Aurelivs (161-180)	Roma		1 (cat.268)										2 (cat.265, 266)	1 (cat.267)			4
Faustina a Jóvem (161-175)	Roma				3 (cat.272, 273, 275)			1 (cat.271)				1 (cat.270)			1 (cat.274)		6
Lucilla (164 –180)	Roma		1 (cat.276)												1 (cat.277)		2
Commodvs (180 –192)	Roma		1 (cat.279)										3 (cat.278, 280, 281)		1 (cat.282)		5
Ilegíveis	Roma				1 (cat.303)								6(cat. 283, 284, 285, 286, 287, 288)	2 (cat. 289, 290)	15 (cat.291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306)		24
Total		-	7	-	9	-	1	5	1	-	-	2	19	9	23	-	76
		21,05 %					9,21 %					69,73 %					100 %

O primeiro comentário relaciona-se com as moedas em mau estado de conservação e registadas como sendo de proveniência desconhecida. Atingem uma percentagem de 69,73%. Apresentam-se gastas ou muito gastas. Nos anos 30 não foram consideradas peças de Museu e, por esse facto, não foram registadas. Somam um total de cinquenta e três peças todas cunhadas em Roma.

De Trajano existem oito moedas: dois *denarii* (cat. 223 e 224), quatro *dupondii* (cat. 225, 226, 227 e 231) e dois *sestertii* (cat. 228 e 229).

De Adriano foram registadas catorze moedas: oito *sestertii* (cat. 232, 233, 238, 239, 240, 241, 242 e 243), um *dupondius* (cat. 236) e cinco *asses* (cat. 235, 244, 245, 246 e 247).

De Antonino Pio encontram-se quatro *sestertii* (cat. 249, 251, 253 e 255), dois *dupondii* (cat. 250 e 254) e um *as* (cat. 252), num total de sete moedas.

De Faustina I foram anotadas seis moedas no total, dois *sestertii* (cat. 257 e 258) e quatro *asses* (cat. 260, 261, 262 e 263).

De Marco Aurélio contam-se três *sestertii* (cat. 265, 266 e 268) e um *dupondius* (cat. 267).

No nome de Faustina, a Jovem, existem seis moedas: um *denarius* (cat. 270), um *sestertius* (cat. 271) e quatro *asses* (cat. 272, 273, 274 e 275).

No nome de Lucilia foram registados um *sestertius* (cat. 276) e um *as* (cat. 277).

De Cómodo existem quatro *sestertii* (cat. 278, 279, 280 e 281) e um *as* (cat. 282).

Ilegíveis, datadas de 96 a 193, incluem-se seis *sestertii* (cat. 283, 284, 285, 286, 287 e 288), dois *dupondii* (cat. 289 e 290) e dezasseis *asses* (cat. 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305 e 306).

Concluimos que em Miróbriga foram encontradas dezasseis numismas (21,05%) num total de setenta e seis, em Santiago do Cacém, sete moedas (9,21%) e de proveniência desconhecida existem cinquenta e três moedas, que correspondem a 69,73% do total.

No espólio do Museu Nacional de Arqueologia existem em estudo catorze bronzes datados do séc. I /II, exumados em Miróbriga, que, depois de tratados irão, de certeza, esclarecer alguns problemas e certamente colocar outros relativamente à circulação monetária deste período. Admite-se que alguns possam ser da época flaviana.

Relativamente ao numerário cunhado em nome das *Augustae* convém salientar que estas estão medianamente representadas: Faustina I, com seis moedas; Faustina, a Jovem, com outras seis e Lucilia com duas.

A circulação da prata, embora representada por três *denarii*, era uma realidade, com contornos muito ténues, significando 3,94% num horizonte de setenta e seis numismas.

DA GUERRA DA SUCESSÃO ATÉ À REFORMA DE GALIENO 193 – 260

O período que se segue inclui os tempos agitados da Guerra da Sucessão de 193 a 196, assim como o período dos Severos (196 - 235), e também o primeiro período dos chamados imperadores militares, 235 até ao reinado de Galieno, 260. Representa o fim do antigo regime monetário, baseado no *sestertius*.

Quadro VII
Guerra da Sucessão até á Reforma de Galieno
193 – 260

Período	Imperador	Centro emissor	Miróbriga					Santiago do Cacém					Desconhecidas					Total
			D	Hs	Dp	As	Qd	D	Hs	Dp	As	Ant	D	Hs	Dp	As	Qd	
Guerra da Sucessão (193-196)	Pescennivs Niger (193-194)	Antioquia											1 (cat.307)					1
	Julia Domna (193-196)	Roma												1 (cat.308)				1
Os Severos (196-235)	Geta (198-212)	Roma	1 (cat.309)															1
	Severvs Alexander (222-235)	Roma											1 (cat.310)					1
	Julia Mamaea (222 -235)	Roma		2 (cat. 313, 314)														2
Os Imperadores militares (235-260)	Maximinv (235-238)	Roma		2 (cat.316, 319)					1 (cat. 315)					2 (cat.317, 318)				5
	Maximv (235-238)	Roma												1 (cat. 320)				1
	Gordianv III (238-244)	Roma										1 (cat. 324)		3 (cat. 321, 322, 323)				4
	Philippv I (244-249)	Roma		1(cat. 325)														1
	Traianv Deciv (249-251)	Roma												2 (cat. 326, 327)				2
	Trebonianv Gallv (251-253)	Roma												1(cat. 328)				1
Ilegíveis (193-253)		Roma												1(cat. 329)				1
	Valerianv (253-260)	Roma										1 (cat. 330)						1
Total			1	5	-	-	-	-	1	-	-	2	2	11	-	-	-	22
			27,27 %					13,63 %					59,09 %					

A composição monetária deste período assenta essencialmente, nos *sestertii*, com dezassete moedas (77,27%). Contam-se ainda com três *denarii*, representando 13,64%, no cômputo total de vinte e duas moedas, e com dois *antoniani* (9,09%).

A análise da estrutura do conjunto de moedas existentes neste período mostra um fraco abastecimento, na região de Miróbriga e sítios limítrofes, embora este se tivesse processado de modo contínuo.

Estão representados os imperadores Pescénio Niger, Júlia Domna, Geta, Severo Alexandre, Júlia Mamaea, Maximino, Máximo, Gordiano III, Filipe I, Trajano Décio, Treboniano Gallo e Valeriano.

Deduz-se do exame do quadro que a circulação em Miróbriga, nos finais do séc. II e meados do séc. III admitiria as moedas flavianas e as subsequentes, até a entrada em força dos *antoniniani*, depois de 260. A circulação dos *sestertii* tem sido amplamente comprovada pelos achados e tesouros monetários até cerca de 260. A morte de Valeriano I, levou à crise total o sistema monetário antigo, acarretando o afastamento dos *sestertii* (Bost e *alli*, 1992; Campo e *alli*, 1977; Fouilles III, 1974).

Relativamente à prata, representada pelos *denarii* (cat. 307, 309 e 310) a circulação é muito pobre e foi introduzida com lentidão. O mais antigo exemplar data de 193 – 194, foi cunhado em Antioquia em nome de Pescénio Niger (cat. 307). Segue-se outro cunhado em Roma, com Geta, em 203 – 208 (cat. 309), e um outro com Severo Alexandre (cat. 310), datado de 222 – 228.

DE GALIENO A DIOCLECIANO E A 1.^a TETRARQUIA (PRÉ – REFORMA) 260-294

Relativamente ao período de 260 – 294, impõe-se a circulação dos *antoniniani*, em detrimento das outras espécimes monetárias, nomeadamente dos *sestertii*.

Existe um único *denarius* (cat. 471), cunhado em Roma, em nome de Severina, encontrado em Miróbriga.

Quadro VIII
260 - 294

Período	Imperador	Oficina	Miróbriga				Santiago do Cacém				Desconhecida				Total
			D	Ant	Ant Altar	Ant Águia	D	Ant	Ant Altar	Ant Águia	D	Ant	Ant Altar	Ant Águia	
Imp.Militares (260-270)	Gallienvs (260-268)	Roma		1 (cat.348)				14 (cat. 336, 338, 341, 353, 362, 363, 368, 370, 372, 373, 374, 375, 376, 381)				7 (cat.333, 335, 343, 347, 349, 359, 382)			22
		Milão						1 (cat. 383)							1
		Siscia						2 (cat. 385, 386)							2
	Salomina (260-268)	Roma						2 (cat. 388, 391)				1(cat. 392)			3
		Milão						1 (cat.393)							1
	Claudivs II (268-270)	Roma		2 (cat.421, 431)								3 (cat.395, 409, 428)			5
		Milão										1 (cat.434)			1
		Siscia		1(cat.436)									1 (cat.444)		2
		Ilegível										1 (cat.442)			1
	Quintillvs (260)	Locais			1(cat.451)					1 (cat. 458)			6 (cat. 445, 446, 448, 450, 452, 453)	2 (454, 457)	10
		Roma		1(cat.459)											1
Império Gálico (260-274)	Victorinvs (269-271)	Trèves						1 (cat.464)				1 (cat. 465)			2
	Tetricvs I e II (271-274)	Trèves										1 (cat.466)			1
		Locais										2 (cat.467, 468)			2
Restabelecimento do Império (270 – 294)	Severina (270-275)	Roma	1(cat.471)												1
	Probus (276-282)	Roma		1(cat.474)											1
	Numerianvs (283-284)	Roma						1 (cat.475)							1
Ilegíveis (260-294)												1 (cat.476)			1
Total			1	6	1	-	-	22	-	1	-	18	7	2	58
			13,79%				39,66 %				46,55 %				

Miróbriga fornece oito moedas num total de cinquenta e oito. Três foram cunhadas em Roma: uma por Galieno (cat. 348) e duas por Cláudio II (cat. 421 e 431). De Cláudio II existe, ainda, uma moeda cunhada em Siscia (cat. 436) e outra das produções locais tipo altar (cat. 451).

Conta-se ainda com a moeda cunhada em nome de Quintilo, um *antoninianus*, de Roma (cat. 459). De Severina, período de 270 – 275, há um *denarius* cunhado em Roma (cat. 471) e ainda um *antoninianus* cunhado em nome de Probo (cat. 474) , datado de 276 –282.

Perfaz uma percentagem de 13, 79 % no horizonte de cinquenta e oito, para o período em estudo.

Para os exemplares encontrados na área de influência de Santiago do Cacém, contam-se vinte e três exemplares, equivalendo a 39,66%.

De Galieno contam-se catorze *antoniniani* emitidos em Roma (cat. 336, 338, 341, 353, 362, 363, 368, 370, 372, 373, 374, 375, 376 e 381), um outro cunhado em Milão (cat. 383) e dois da Siscia (cat. 385 e 386).

De Salonina, de Roma, existem dois *antoniniani* (cat. 388 e 391) e um outro de Milão (cat. 393).

De Cláudio II, existe um único exemplar, póstumo, com legenda CONSECRATIO, tipo águia, cunhado em centro emissor local ou regional (cat.458).

Do Império Gálico, datado de 269 – 271, existe um único exemplar, emitido em Trêves, cunhado com Victorino (cat.464).

Do último período, 270 – 294, foi registado um *antoninianus*, emitido em Roma (cat. 475), cunhado em nome de Numeriano.

De proveniência desconhecida, contam-se vinte e sete moedas, correspondendo a 46,55 %. Foram cunhadas em Roma sete *antoniniani*, em nome de Galieno (cat. 333, 335, 343, 347, 349, 359 e 382), outro em nome de Salonina (cat. 392) e três em nome de Cláudio II (cat. 395, 409 e 428). Deste imperador existe outro emitido em Milão (cat. 434) e ainda um outro emitido em centro indeterminado (cat. 442).

Póstumas de Cláudio II, emitido em Siscia, tipo altar, existe um *antoninianus* (cat. 444). Cunhadas em centros locais indeterminados, existem seis moedas, tipo altar (cat. 445, 446, 448, 450, 452 e 453) e duas, tipo águia (cat. 454 e 457).

Do Império Gálico, 260 – 274, registam-se dois *antoniniani* emitidos em Trêves (cat. 465 e 466) e outros dois emitidos em centros locais indeterminados (cat. 467 e 468).

Há ainda um exemplar ilegível, com cronologia muito duvidosa, atribuída a 260 – 294 (cat. 476). Trata-se de um exemplar de classificação muito incerta.

Conjugando estas três realidades referentes à proveniência das moedas – Miróbriga, Santiago do Cacém e lugar desconhecido – concluímos o seguinte:

1) O número dos exemplares existentes, cinquenta e oito no total, não permite concluir com segurança, sobre a circulação monetária em Miróbriga e território envolvente no período de 260 – 294.

2) Todavia, o centro emissor mais representado é Roma, com vinte e dois *antoniniani* cunhados em nome de Galieno, três em nome de Salonina, e cinco em nome de Cláudio II, um em nome de Quintilo, outro em nome de Probo e outro em nome Numeriano, num total de trinta e quatro moedas (58, 62%).

3) Do Império Gálico, 260 – 274, existem cinco exemplares: três de centro emissor de Trêves, e dois agrupados no núcleo dito de “imitações” locais ou regionais.

Talvez se possa aduzir da fraca penetração das moedas do império gálico em Miróbriga e em território circundante. Miróbriga parece não pertencer à zona de penetração da moeda, regular ou irregular cunhada na Gália.

4) Mesmo assim, parece concluir-se que os *antoniniani* chegados a Miróbriga são quase todos emitidos em Roma, depois 266, com excepção de três peças datadas de 263. Como em Conímbriga, a ruptura com o sistema de circulação anterior processou-se depois de 260, com a morte de Valeriano I.

5) Os *antoniniani* emitidos em nome de DIVO CLAVDIO, com legenda do reverso CONSECRATIO, tipo altar ou águia, de cunhagens locais irregulares, são abundantes na Península (Conímbriga, S. Cucufate e Belo). A sua cunhagem parece alargar-se até finais do séc. III ou inícios do séc. IV. Na Península Ibérica, nomeadamente nos tesouros do séc. V de Conimbriga e Braga, este ainda em estudo, foram encontrados exemplares deste tipo de moedas, com total ausência de outros tipos de *antoniniani* (Fouilles III, 1974).

Em Miróbriga, em Santiago do Cacém e em locais desconhecidos, possivelmente, circundantes, foram registadas dez moedas, póstumas de Cláudio II, sete tipo altar e três tipo águia.

AS TETRARQUIAS (DEPOIS DA REFORMA) AO ADVENTO DA DINASTIA CONSTANTINIANA 294 – 313

Relativamente às moedas abrangidas pelos anos de 294 a 313, dezanove anos, período correspondente ao desenvolvimento do poder tetrarquico, depois da reforma do bronze, efectuada em 294 por Diocleciano, até ao advento da dinastia Constantiniana, existem nove numismas (cat. 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486).

Quadro IX

As Tetrarquias (depois da reforma) ao advento da dinastia Constantiniana
294 – 313

			Miróbriga		Santiago		Desconhecidas		Total
			Follis	Fracção de Follis	Follis	Fracção de Follis	Follis	Fracção de Follis	
1.ª tetrarquia: depois da reforma do bronze. (294 –305)	Diocletianvs	Aquileia					1 (cat.480)		1
	Maximianvs	Roma						2 (cat. 478, 479)	2
	Constantivs	Cartago	1 (cat.481)						1
		Cízico				2 (cat. 482, 483)			2
2.ª, 3.ª e fim da tetrarquia	Contantinvs I	Arles			1 cat.484)				1
		Ostia					1 (cat.485)		1
	Severvs	Cartago			1 cat.486				1
Total			1	-	2	2	2	2	9
			11,11%		44,44%		44,44%		

Estão representados os centros emissores de Roma com dois exemplares cunhados em nome de Maximiano I (cat. 478 e 479); de Arles com uma moeda cunhada em nome de Constantino I (cat. 484); de Aquileia com um exemplar emitido em nome de Diocleciano (cat. 480); de Cartago com um exemplar, em nome de Constâncio (cat.481) e outro em nome de Severo, (cat.486); de Cízico com duas moedas em nome de Constâncio, (cat. 482, 483) e de Ostia, com um exemplar em nome de Constantino I (cat. 485).

É de reter que, para este período de dezanove anos, com origem em Miróbriga, existe uma única moeda. Das oito restantes, quatro foram encontradas em Santiago do Cacém enquanto que as outras quatro são de proveniência desconhecida.

A fraca presença de exemplares desta época, acentuada pela precariedade verificada no período anterior (260 – 294), leva-nos a aduzir que a circulação monetária entrara em período de declínio, fazendo já antever uma lenta asfixia da cidade, política e económica.

DINASTIA CONSTANTINIANA
313 – 364

Do período compreendido entre 313 – 364, relativo às cunhagens de Constantino e da sua família, a primeira conclusão a tirar refere-se à quase completa ausência de exemplares, num total de trinta e seis espécimes, com doze moedas encontradas em Miróbriga, duas em Santiago do Cacém e vinte e duas tidas como de proveniência desconhecida. Por conseguinte, todas as conclusões estatísticas, têm grande hipótese de erro, dado o número diminuto de moedas estudadas, para um longo período de 51 anos.

Quadro X
Constantino e a sua família
313 – 364

		Miróbriga	Santiago do Cacém	Desconhecidas	Total
Constantinus Licinius (313-324)	Londres			1 (cat. 487)	1
	Trèves	2 (cat. 488, 490)		1 (cat. 489)	3
	Arles			1 (cat. 491)	1
	Roma	1 (cat.492)			1
	Ticino	2 (cat. 493, 494)			2
	Ilegíveis			3 (cat. 496, 497, 498)	3
Constantinus Augustus (324-337)	Trèves			1 (cat. 499)	1
	Arles		1 (cat.500)	1 (cat.501)	2
	Roma	2 (cat.502, 504)		1 (cat. 503)	3
	Siscia	1 (cat. 506)			1
	Constantinopla			1 cat.507)	1
	Cízico		1 (cat. 510)	1 (cat.508)	2
	Ilegíveis	1 (cat.512)			1
Constantinus II	Lugdunum			1 (cat.513)	1
Constantius II Constans (337-340)	Roma			1 (cat. 514)	1
Constans e Constantius II (340-350)	Ilegíveis			1 (cat. 516)	1
Constantius II (Constantius Gallus e Julianus (350-360)	Arles	1 (cat. 517)		1 (cat. 518)	2
	Roma	1 (cat. 519)		1 (cat. 520)	2
	Siscia			1 (cat. 521)	1
	Constantinopla			1 (cat. 522)	1
	Cízico			2 (cat.523, 524)	2
	Antioquia	1 (cat. 525)			1
	Ilegível			1 (cat. 526)	1
Julianus e Jovianus (360-364)	Ilegíveis			1 (cat. 527)	1
Total		12 33,33 %	2 5,55 %	22 61,11 %	36 100 %

É certo que, pelo conhecimento que temos de Miróbriga, confirmado pelas estruturas arqueológicas ainda existentes, o séc. IV foi uma época de decadência. A falta de numerário reflecte a situação já anotada por outros investigadores (Barata, 1998). Todavia examinando as colecções arqueológicas do Museu Municipal de Santiago do Cacém e as reservas do Centro Interpretativo do Sítio de Miróbriga, existe um núcleo razoável de cerâmicas, datadas do período tardio, que abona sobre a ocupação da cidade mas não afasta, por completo, a hipótese de isolamento progressivo a que estaria votada (Quaresma, 1999). Examinando, por outro lado, os fundos arqueológicos referentes à vizinha estação romana de Tróia, existentes no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, com um tesouro de milhares de moedas, e outras moedas avulsas, a riqueza dos materiais marcam a diferença e evidenciam a decadência de um centro e a prosperidade do outro (Nunes, 1973).

Pelo que sabemos de Conímbriga, a estratigrafia demonstrou que os *antoniniani* circularam no início do séc. IV, juntamente com os *folles* e com outras espécimes monetárias datadas, pelos menos, até 330 (Fouilles, III). Deduzimos, pois, que o mesmo se passaria em Miróbriga.

Apareceram onze moedas no período compreendido entre 313 – 324, com três espécimes cunhados em Trêves (cat. 488, 489 e 490), duas cunhadas em Ticino (cat. 493 e 494) e uma respectivamente em Londres, Arles, Roma (cat. 487, 491 e 492) e outras três ilegíveis cunhadas em centro emissor indeterminado (cat. 496, 497 e 498).

Para o período 324 – 337, existem onze moedas. Três cunhadas em Roma (cat. 502, 503 e 504), duas em Arles (cat. 500 e 501), duas em Cízico (cat. 508 e 510) e uma respectivamente em Trêves, em Siscia, em Constantinopla e em centro emissor indeterminado (cat. 499, 506, 507 e 512).

Para o período 337 – 340, sob Constantino II, Constâncio II e Constante, existem duas espécimes, uma cunhada em Lugdunum (cat. 513) e outra em Roma (cat. 514).

Para o período seguinte, 340 – 350, relativo a Constante e Constâncio II, existe uma única moeda cunhada em centro indeterminado (cat. 516).

No período seguinte, 350 – 360, relativo a Constâncio II, tendo como Césares Constâncio Gallo e Juliano, existem dez moedas no total: duas emitidas em Arles (cat. 517 e 518), duas cunhadas em Roma (cat. 519 e 520), outras duas cunhadas em Cízico (cat. 523 e 524) e, uma relativa a cada um dos centros emissores a seguir mencionados - Siscia, Constantinopla, Antioquia e centro emissor indeterminado (cat. 521, 522, 525 e 526).

A moeda atribuída ao período 360 - 364 – sob Juliano e Joviano - , de centro emissor indeterminado é de classificação muito duvidosa (cat. 527).

Num horizonte de trinta e seis moedas para o período em análise, 313 –364, Miróbriga forneceu doze moedas, correspondendo a 33,33 %, Santiago do Cacém duas moedas correspondendo a 5,55 % e de proveniência desconhecida existem vinte e dois exemplares correspondendo a 61,11%.

DINASTIA VALENTINIANA – TEODOSIANA 364 – 395

Chegamos, finalmente, ao último período relativo às cunhagens da dinastia Valentiniana - Teodosiana, 364 – 395. É, estatisticamente, um período paupérrimo, perfazendo um total de vinte e cinco espécimes. Miróbriga conta com duas moedas (cat. 548 e 561), representando 8% do numerário existente para o período em análise, Santiago do Cacém e seu termo com seis moedas (cat. 531, 539, 545, 549, 552 e 557), representando 24%. Outras dezassete moedas, de origem desconhecida, equivalendo a 68%.(cat. 529, 530, 533, 536, 538, 541, 544, 551, 554, 555, 556, 559, 562, 563, 564 e 565) encerram as existências contabilizadas.

Olhando para o conjunto de moedas, a primeira conclusão a tirar, relativamente a Miróbriga, relaciona-se com a falta de numerário em circulação, fruto da decadência que se instalara nos períodos anteriores, possivelmente, já nos finais do século III, e progressivamente agravada ao longo do século IV.

Mesmo assim, é ainda possível constatar que depois de 379, época Teodosiana, é evidente a tendência crescente da presença de moedas oriundas dos centros emissores orientais em detrimento de Roma e de outros centros ocidentais, assim como o predomínio de exemplares de módulo grande (*aes* II), como é comum em Conímbriga e em outros centros ocidentais.

Quadro XI
Dinastia Valentiniana -Teodosiana
364-395

		Miróbriga			Santiago do Cacém			Desconhecida			Total
		Aes II	Aes III	Aes IV	Aes II	Aes III	Aes IV	Aes II	Aes III	Aes IV	
Valentinianvs, Valens e Gratianvs (367 – 375)	Arles								1 (cat.528)		1
Gratianvs, Valentinianvs II, Theodosivs (378-383)	Lugdunum							2 (cat.529, 530)			2
	Arles				1 (cat.531)						1
	Aquileia							1 (cat.533)			1
	Thessalónica							1 (cat.536)			1
	Antioquia				1 (cat.539)			2 (cat.538, 541)			3
Valentinianvs II, Theodosivs, Arcadivs, Magnvs Maximvs e Victor (383-388)	Arles							1 (cat.544)			1
	Cízico				1 (cat.545)						1
Theodosivs, Arcadivs, Eugenivs e Honorivs (392 –395)	Heraclea	1 (cat.548)									1
	Constantinopla				1 (cat.549)						1
	Nicomédia				1 (cat.552)			1 (cat.551)			2
	Antioquia							2 (cat.554, 555)			2
	Ilegíveis	1 (cat.561)									1
(378 – 388)	Ilegíveis				1 (cat.557)			2 (cat.556, 559)			3
Séc. IV	Ilegíveis								1 (cat.562)		1
Séc. IV - V	Ilegíveis									3 (cat.563, 564, 565)	3
Total		2	-	-	6	-	-	12	2	3	25
		8 %			24 %			68 %			

Relativamente aos cunhos de reverso registados sobressai o tipo REPARATIO – REIPVB, cunhados em nome de Graciano (cat. 529, 530, 531, 533, 536 e 556). Aparecem, todavia, outros espécimenes com o mesmo tipo de reverso cunhados em nome de Valentiniano II (cat. 538 e 539), de Teodósio (cat. 541) e de Magno Máximo (cat. 544). De imperador indeterminado registaram-se dois exemplares no catálogo (cat. 557 e 559).

Do tipo de reverso VIRTVS E – XERCITI, foi cunhado um só exemplar em nome de Arcádio, no centro emissor de Cízico (cat.545).

O reverso tipo GLORIA – ROMANORVM aparece cunhado em nome de Arcádio (cat. 551 e 552), de Honório (cat. 561) e de Teodósio (cat. 548, 549 e 554). Em nome de imperador indeterminado está registado, no catálogo, um exemplar (cat. 555).

Relativamente ao primeiro período, 367-375, não é possível acrescentar notas ou comentários. Existe um único exemplar (*aes* III) cunhado no centro emissor de Arles, em nome de Graciano e com legenda no reverso GLORIA NO - VI SAECULI. Foi encontrada em lugar desconhecido (cat. 528).

Para o segundo período, 378-383, Miróbriga não forneceu um único exemplar, enquanto Santiago do Cacém forneceu dois (cat. 531 e 539) e de

proveniência desconhecida existem seis espécimenes (cat. 529, 530, 533, 536, 538 e 541), todos de grande módulo (*aes* II).

Do terceiro período, 383 –388, com Valentiniano II, Teodósio, Arcádio, Magno Máximo e Victor, existem duas moedas. Uma é proveniente de Santiago do Cacém, emitida em Cizico (cat. 545), e outra encontrada em lugar desconhecido, emitida em Arles (cat. 544). De novo, Miróbriga não forneceu qualquer espécimene.

Do quarto período, de 392-395 com Teodósio, Arcádio, Eugénio e Honório, existem sete exemplares. Dois são provenientes de Miróbriga (cat. 548 e 561), dois de Santiago do Cacém (cat. 549 e 552) e três de lugar desconhecido (cat. 551, 554 e 555).

Do séc. IV e inícios do séc. V existem sete moedas. Uma é proveniente de Santiago do Cacém (cat. 557) e seis têm origem em lugar desconhecido (cat. 556, 559, 562, 563, 564 e 565). Miróbriga mais uma vez não forneceu qualquer exemplar.

Apesar da pobreza do material registado, concretamente o procedente de Miróbriga, com dois únicos exemplares, nota-se uma tendência positiva na introdução de numerário nas zonas limítrofes, nomeadamente em Santiago do Cacém e nos seus arredores com seis exemplares registados. As moedas registadas como de proveniência desconhecida totalizam dezassete, ultrapassando largamente as anotadas em Miróbriga. Este esforço de revitalização da circulação, nas áreas circundantes, refere-se simplesmente à introdução dos exemplares de grande módulo, nomeadamente de *aes* II.

Da constatação deste facto não é lícito concluir sobre uma revitalização da circulação nos finais do séc. IV em Miróbriga. Pensamos que Miróbriga, como centro urbano dinamizador de uma região, tinha terminado. A pouca variedade de tipos de reverso introduzidos, associados à total ausência do numerário de pequeno módulo, (*aes* IV), parece sintomática. A moeda de pequeno módulo utilizada nas trocas correntes foi totalmente dispensada e arredada da circulação em curso.

A estatística aplicada aos exemplares monetários induz-nos, em suma, a aceitar a decadência lenta de Miróbriga, com o seu total apagamento no final do séc. IV, início do séc. V.

Quadro XII
Resumo estatístico
Percentagens

	Miróbriga	Santiago do Cacém	Local desconhecido	Totais	Percentagens
República 211 – 31 a.C.	18	2	5	25	5,97
Cunhadas na Península	52	13	35	100	23,87
Júlio – Claudiana 31 a.C. –68 d.C.	15	5	34	54	12,89
Flaviana 69 - 96	4	1	9	14	3,34
Imperadores Adoptivos 96 - 193	16	7	53	76	18,13
Guerra da Sucessão a Galieno 193 - 260	6	3	13	22	5,25
260 - 294	8	23	27	58	13,84
294 - 313	1	4	4	9	2,14
313 -364	10	4	22	36	8,59
364 -395	2	6	17	25	5,97
Totais	132	68	219	419	99,99
Percentagens	31,50	16,23	52,27		

Das quatrocentas e dezanove moedas consideradas, duzentas e dezanove são provenientes de sítios desconhecidos, atingindo a elevada percentagem de 52,27 %. É um resultado que poderá, de certo modo, alterar as conclusões.

De Miróbriga existem cento e trinta e duas moedas, correspondendo a 31, 50 % e de Santiago do Cacém contam-se sessenta e oito numismas, perfazendo uma percentagem de 16, 23 %.

Examinando o quadro conclui-se que a moeda foi introduzida em Miróbriga, por volta do séc. II a.C. e que a circulação monetária foi-se consolidando e desenvolvendo até ao período Júlio – Claudiano, vindo a

estabilizar em finais do séc. II, período de grande desenvolvimento em Miróbriga. Concomitantemente, verifica-se uma grande aceitação da moeda cunhada nas cidades da Península Ibérica que atinge um nível apreciável, alcançando uma percentagem de 23,87 %. Ketovion, Murtilis e Mérida predominam como centros abastecedores de referência.

No séc. III Miróbriga entra em decadência. A circulação monetária começa a enfraquecer por volta de 260. A cidade não mais se restabelecerá da crise, decaindo progressivamente até ao período de Constantino (313 – 364) e apagando-se definitivamente como centro aglutinador de uma região entre 364 – 395. A fraca percentagem de 5,97 %, com a presença exígua de duas moedas, é bem elucidativa das dificuldades sentidas em Miróbriga.

ALDEIA DOS CHÃOS

Aldeia dos Chãos situa-se a sul de Miróbriga, a escassos metros do *Circus* romano.

As notícias indicam que o Dr. João da Cruz e Silva realizou no local campanhas de escavação no sentido de resolver o problema da estrada romana que passava por Aldeia dos Chãos e ligava Miróbriga com Alvalade do Sado. (Silva, 1866; Silva, 1946; Barata, 1998).

No Livro de “Registo de Moedas e Medalhas” são mencionados os lugares de achamento das moedas provenientes de Aldeia dos Chãos (Silva, 1938: manuscrito).

Proveniente desta localidade existe no Museu Municipal de Santiago do Cacém um pequeno núcleo de moedas, onze no total, todas registadas no documento supracitado.

Aldeia dos Chãos

			Hs	Aes II	Total
Dinastia dos Severos	Severvs Alexander 228 - 231	Roma	1 (cat. 311)		1
Dinastia Valentiniano - Teodosiana 364-395	378- 383	Aquileia		3 (cat. 532, 534 e 535)	3
		Antioquia		2 (cat. 540 e 542)	2
	383 -388	Arles		1(cat. 543)	1
		Antioquia		1 (cat.546)	1
	392 -395	Cízico		1 (cat. 550)	1
		Nicomédia		1 (cat.553)	1
	378 -388	Indeterminada		1 (cat. 558)	1
Total			1	10	11

A observação do quadro suscita problemas e comentários.

O primeiro reparo relaciona-se com a presença do *sestertius* (cat. 311), cunhado em Roma, em nome de Severo Alexandre e datado 228 – 231. Destoa, num conjunto tão homogéneo, todo ele cunhado no último quartel do séc. IV, e circulando até inícios do séc. V. As notas do Dr. João da Cruz e Silva esclarecem parcialmente o assunto: “encontrada com outras nas escavações, que se realizaram para estudo da área compreendida entre Aldeia dos Chãos e S. Brás – Miróbriga, no sitio de Monte Novo”. Logo, esta moeda foi encontrada em Monte Novo, em terreno situado entre a

Aldeia dos Chãos e Miróbriga, muito próximo do circo romano (Silva, 1938: 64, manuscrito; Silva, 1946: 339/340). Não foi, pois, encontrada propriamente em Aldeia dos Chãos.

A segunda observação relaciona-se com a homogeneidade do conjunto de dez moedas (cat. 532, 534, 535, 540, 542, 543, 546, 550, 553 e 558). Diríamos que se trata de um tesouro. Todavia, o Dr. João da Cruz e Silva nos seus registos afirma que todos os exemplares foram encontrados em Aldeia dos Chãos durante escavações. Quando se refere a duas das moedas (cat. 542 e 550) afirma que primeira foi encontrada em trabalhos realizados em 1939, enquanto que a segunda foi exumada em 1937 (Silva, 1938: 65 verso, 27 verso). Fica, pois, afastada a hipótese de tratar-se de um tesouro.

A terceira observação respeita à quantidade de moedas encontradas, da dinastia Valentiniana – Teodosiana, *aes* II, datadas entre 378 – 395. Se examinarmos o quadro XI, relativo aos achamentos de Miróbriga, de Santiago do Cacém e de lugares desconhecidos, verificamos que dois exemplares foram encontrados em Miróbriga, seis em Santiago do Cacém e seu termo e dezassete em sítios desconhecidos. Dado o número de exemplares de Aldeia dos Chãos, dez, com facilidade percebemos a importância deste núcleo de moedas. Parecem contrariar a hipótese de decadência ou de contracção económica de Miróbriga, nos finais do séc. IV. A presença de cerâmicas comuns tardias encontradas em Miróbriga, embora sem referências específicas de localização, alertam para a questão e fazem-nos reflectir sobre o problema (Quaresma, 1999). A realização de escavações entre o núcleo central das ruínas e o *Circus* ajudaria, provavelmente, a esclarecer algumas dúvidas sugeridas.

Por outro lado, é crível considerar, pela observação do terreno, a existência de uma *Villa* em Aldeia dos Chãos que em finais do séc. IV princípios do séc. V, apresentasse sinais de prosperidade em contraste com a decadência e abandono da vizinha e muito próxima Miróbriga. Os materiais existentes apontam nesse sentido. O facto foi anotado pela Dr.^a Filomena Barata e pelo Professor Doutor D. Fernando de Almeida, aludindo à presença de mosaicos romanos no local (Barata, 1998; Almeida, 1972: manuscrito).

FREGUESIA DE SANTA CRUZ

Da freguesia de Santa Cruz existem três moedas romano imperiais.

Uma foi encontrada em Ademas, Santa Cruz e foi oferecida ao Museu em 1987. Trata-se de um *as*, de Cláudio I, de imitação local (cat. 169).

Outra foi encontrada na demolição de uma casa humilde em Monte de Cilbra, Vergueira, Santa Cruz. Trata-se de um *denarius* de Marco Aurélio, cunhado em Roma em 161 – 162 (cat. 264). Tinha a numeração provisória de 170 A.

A terceira moeda existente foi registada pelo Dr. João da Cruz e Silva com o número 148/40 e considerada procedente da Herdade do Chaparral, Santa Cruz. Trata-se de um *sestertius* de Marco Aurélio, cunhado em Roma, em 176 (cat. 269). Nos arquivos do Museu existem outros materiais arqueológicos desta localidade que apontam no sentido da existência de uma *Villa*.

SANTO ANDRÉ

Da freguesia de Santo André possui o Museu Municipal de Santiago do Cacém três moedas. Uma, um *as*, póstumo de Augusto, cunhada sob Nerva em 98 (cat. 160) e oferecida pelo Dr. João da Cruz e Silva; outra, um *sestertius*, cunhada em Roma, em 119, em nome de Adriano, com entrada no Museu em 1937 (cat. 234) e, finalmente, um outro *sestertius*, cunhado em Roma, em 231 – 235, em nome de Severo Alexandre (cat. 312). Foi oferecido pelo Sr. M. Luís Palminha, de Santo André.

Maria de Lourdes C. Arthur de Ubieta, no estudo sobre um enterramento em Santo André dá notícia da existência de uma outra numisma, cunhada possivelmente em nome de Tibério e emitida em Mérida (Arthur de Ubieta, 1956). Consultando o registo do Museu não encontramos qualquer moeda relacionada com o exemplar parcialmente descrito pela investigadora.

OUTROS LOCAIS DO CONCELHO DE SANTIAGO DO CACÉM

No Cercal, freguesia a sul do concelho apareceu um *folis*, datado de 296 a 297, cunhado em Roma, em nome de Constâncio (cat.477) e oferecido ao Museu pelo Dr. João da Cruz e Silva.

Na freguesia de S. Francisco da Serra apareceu um *as*, de Gades, datado por Farrés de 47 – 44 a.C. e atribuído, mais recentemente, por Villaronga ao séc. II a.C.. Apresenta no anverso a cabeça de Hércules à esquerda, com clava e pele de leão e, no reverso dois atuns com legenda fenícia em cima e em baixo (cat. 74) (Villaronga, 1979: 160, n.º 413). Foi oferecido pelo Sr. Carlos Silva Caetano da freguesia de S. Francisco da Serra.

SINES

De Sines, tem o Museu Municipal de Santiago do Cacém arquivados dois *denarii*. Foram emitidos em Roma. Um, data de 151 a.C. e apresenta no anverso a cabeça de Roma à direita com elmo e atrás X e no reverso Vitória em biga, com a legenda **P . S V L A** e, no exergo ROMA (cat. 11).

O outro, data de 127 a.C., apresenta no anverso a cabeça de Roma à direita com elmo, tendo à frente X, em baixo a legenda ROMA e atrás o *lituus*; no reverso representa um combate e, no exergo, a legenda **C . S E R V I L** (cat. 16).

Foram doados ao Museu pelo Dr. João da Cruz e Silva. Têm número de inventário contínuo 775/241 e 776/242 respectivamente. Poderá, por este facto, significar que foram encontrados juntos e que juntos deram entrada no Museu. Não há, contudo, notícia que pertençam a um tesouro.

ODEMIRA

De diversas localidades do concelho de Odemira existem treze moedas, de cronologia variável datadas de 38 a.C. até finais do séc. IV, 388 – 395.

Odemira

Cronologia	Centro emissor	Localidade	Observações	Total
Desde 38 a.C.	(PAX IVLIA) Beja	Vila Nova de Mil Fontes	Cunhada nas cidades da Península Ibérica (As)	1 (cat. 113)
27 – 25 a.C.	Cunhagem legionária	Odemira	Sob. Augusto (As)	1 (cat.138)
41 - 50	Roma	Odemira	Cláudio I (Hs)	1 (cat. 165)
41 –54	Emissor local	Ataboeira	Cláudio I (As)	1 (cat. 170)
155 - 156	Roma	Odemira	Antonino Pio (Hs)	1 (cat. 256)
321	Aquileia	Odemira	Crispo (Follis)	1 (cat. 495)
324 -327	Ticino	Odemira	Constantino (Follis)	1 (cat.505)
336-337	Cízico	Odemira	Constantino (Follis)	1 (cat.509)
335 -337	Antioquia	Odemira	Constantino (Follis)	1 (cat.511)
347 -348	Trêves	Odemira	Constans ou Constantivs II (Follis)	1 (cat.515)
378 –383	Constantinopla	Odemira	Teodósio (Minimus)	1 (cat. 537)
388 -392	Nicomédia	Odemira	Teodósio (Minimus)	1 (cat. 547)
388 -395	Indeterminada	Odemira	Arcádio (Minimus)	1 (cat. 560)

O *as* emitido em PAX IVLIA (cat. 113) foi oferecido ao Museu pelo Dr. João da Cruz e Silva. Relativamente ao *as* cunhado em nome de Cláudio I (cat. 170), proveniente de Ataboeira, Odemira, desconhece-se o ofertante.

Os restantes exemplares (cat. 138, 165, 256, 495, 505, 509, 511, 515, 537, 547 e 560) foram doados pelo Dr. Falcão Ribeiro, de Odemira.

É de salientar o razoável conjunto de moedas do séc. IV, com origem em Odemira. Contrasta com o défice apresentado por Miróbriga e Santiago do Cacém. O caso de Odemira quando conjugado com Tróia (Setúbal), S. Cucufate (Beja), Aldeia dos Chãos (Santiago do Cacém), leva-nos a supor que o abastecimento das espécies tardias, no sul de Portugal, foi regular e seguindo as tendências já conhecidas e estudadas, nomeadamente em áreas não muito distantes de Miróbriga (Nunes, 1973; Bost, 1990).

OUTRAS LOCALIDADES DO SUL

A colecção integra cinco exemplares com registos de proveniência muito vagos, encontrados no sul de Portugal.

Do Alentejo foi registado um *denarius*, cunhado em Roma, em 84 a.C. e oferecido ao Museu pelo Dr. João da Cruz e Silva (cat. 31), assim como outro *denarius* proveniente do Algarve emitido pela oficina móvel de Bruto e Cassio, em 43 – 42 a.C. (cat. 36).

De Grândola foi registado um *as*, oferecido pelo Dr. Manuel Antunes, natural de Grândola, emitido em Évora, em 12 a.C., tendo no anverso a cabeça de Octávio à esquerda e a legenda PERM.CAES.AVG.P.M e no reverso, dentro de uma coroa de louros a legenda LIBERAL -ITATIS- IVLIAE-EBOR (cat.57).

Do Baixo Alentejo existe um *as* de Augusto, oferecido pelo Dr. João da Cruz e Silva, tendo no anverso a cabeça de Augusto descoberta à esquerda e a legenda CAESAR AVGVST.PONT.MAX.TRIBUNIC.POT. e, no reverso a legenda M MAECILIVS TVLVS III VIR AAFF e, no centro, SC. Foi cunhada em Roma em 7 a.C. (cat. 154).

Finalmente, encontrado em Beja e oferecido pelo Dr. João da Cruz e Silva, foi registado um *sestertius*, cunhado em Roma depois de 141, por Antonino Pio. No anverso tem o busto de Faustina velada à direita e a legenda DIVA AVGVSTA FAVSTINA e, no reverso, a figura de Pietas velada à esquerda e a legenda PIETAS AVG (cat.259).

TESOURO DO MONTE DO CAVALEIRO

Condições do achado

No Museu Municipal de Santiago do Cacém encontram-se oitenta e oito moedas provenientes do tesouro do Monte do Cavaleiro, Algarve. Sabemos, pelo registo do Dr. João da Cruz e Silva, relativamente ao achamento das moedas do tesouro, que “esta moeda foi encontrada com outras de Galieno e Cláudio próximo da herdade de Monte Cavaleiro, Algarve. Of.^{ta} de J. C. Silva: 169/61” (Silva, 1938).

Outras fontes indicam que a propriedade pertenceu ao Dr. Faleiro, casado com uma irmã do Dr. João da Cruz e Silva.

A herdade localiza-se no lugar conhecido por Monte do Cavaleiro, concelho de Loulé, freguesia do Ameixial, próxima do limite com o concelho de Almodôvar (Pereira, 1993).

Outras informações, recentemente recolhidas, apontam para a dispersão de moedas deste conjunto por familiares e amigos do proprietário.

Por seu lado, o Dr. Mário de Castro Hipólito dá a notícia que “no concelho de Almodôvar, próximo da Ribeira do Vascão, uma cavalgadura, dando uma patada no chão, pôs a descoberto um vaso de barro que continha centenas de moedas romanas. O vaso foi desprezado pelo dono da cavalgadura e as moedas foram vendidas ou dadas a curiosos. Nas mãos de alguns vi exemplares de moedas de Galieno, Cláudio II, Severina, Quintilo e Aureliano, todas elas de prata baixa”.

Em nota o Dr. Mário de Castro Hipólito esclarece que o tesouro devia ter cerca de cinco mil numismas e que fora encontrado na zona de Ameixial, Loulé (Conimbriga, 1960 – 1961: 109). Identificámo-lo com o tesouro agora em estudo, o do Monte do Cavaleiro.

O mesmo autor regista sob o número 138 e 139 notícias de outros achados: “em Fevereiro de 1840, se tinha achado na Serra de Tavira uma porção de medalhas de prata, do tamanho dos nossos antigos tostões, com bustos em relevo de vários imperadores romanos, da primeira época do Império. Estavam todas muito bem conservadas e as legendas muito legíveis. Quase todas foram vendidas em Tavira e Faro”. A época deste achado é, pois, duvidosa.

O outro registo 139, é muito lacónico. Refere-se ao aparecimento de um tesouro na Serra, não precisando a localidade. Informa que é composto por bronzes de vários imperadores dos quais o mais moderno era Galieno.

Por imprecisão desconhecemos se este notícia se refere à Serra do Algarve.

Maria Luisa Estácio da Veiga Afonso dos Santos, no trabalho “Arqueologia Romana do Algarve” refere ao aparecimento de um tesouro

de trezentas moedas, de Cláudio II, na Quinta da Torre d'Aire, Tavira (Santos, 1971-1972).

É, pois, evidente uma relativa quantidade de achados na Serra divisória do Alentejo e do Algarve, estendendo-se até à zona costeira.

Estrutura do Tesouro

O tesouro é composto por oitenta e seis *antoniniani* e dois *denarii* cunhados em nome de Severina e Probo (cat. 472 e cat. 473).

Do centro emissor de Roma existem trinta *antoniniani* cunhados em nome de Galieno, dois em nome de Salonina, trinta e três em nome de Cláudio II incluindo uma póstuma de Roma e quatro em nome de Quintilo.

De Milão existem quatro moedas cunhadas em nome Cláudio II e uma em nome de Aureliano.

Da Siscia contam-se duas moedas de Galieno e quatro de Cláudio II.

De Cízico existe uma moeda de Cláudio II e outra de Aureliano.

Centros emissores indeterminados forneceram quatro moedas póstumas em nome de Cláudio II, tipo altar e águia.

Composição do Tesouro

	Gallienvs	Salonina	ClaudivsII	Póstumas de Claudivs II	Quintillvs	Aurelianvs	Severina	Probus	Total
Roma	30	2	32	1	4		1	1	71
Milão			4			1			5
Siscia	2		4						6
Cízico			1			1			2
Indet.				4					4
Total	32	2	41	5	4	2	1	1	88

Um exame minucioso relativo ao período de Galieno e Salonina, considerando as emissões, verificamos que as moedas mais antigas remontam à emissão de 261, de Roma (cat. 331 e 332). Enumera-se ainda um *antoninianus* de Roma cunhado em 262-263 (cat. 334) e outros dezasseis exemplares cunhados em nome de Galieno e dois em nome de Salonina, todos de 265-266 (cat. 337, 339, 340, 342, 344, 345, 346, 350, 351, 352, 354, 355, 356, 357, 358, 360, 389 e 390). Finalmente, enunciam-se onze moedas da emissão de 267 – 268 (cat. 361, 364, 365, 366, 367, 369, 371, 377, 378, 379 e 380), todas cunhadas em Roma. Aparece, ainda, um *antoninianus*, datado de 263-264, emitido na Siscia em nome de Galieno (cat.384) e outro datado de 267-268 da mesma oficina e igualmente em nome de Galieno (cat. 387).

Galieno, Salonina

		261	262-263	263-264	265-266	267-268	267-268	Total
Gallienvs	Roma	2 (cat.331, 332)	1 (cat.334)		16 (cat.337, 339, 340, 342, 344, 345, 346, 350, 351, 352, 354, 355, 356, 357, 358, 360)	11 (cat.361, 364, 365, 366, 367, 369, 371, 377, 378, 379, 380)		30
	Siscia			1 (cat.384)			1 (cat. 387)	2
Salonina	Roma				2 (cat.389,390)			2
Total		2	1	1	18	11	1	34

De Cláudio II o exame do quadro mostra que o centro emissor abastecedor preferencial foi o de Roma, com trinta e três exemplares. De 268-269, primeira fase da emissão, existem cinco moedas (cat. 394, 396, 397, 398 e 399) e das emissões de 268-269 existem nove *antoniniani*, com legenda do anverso longa – IMP C CLAVDIVS AVG – (cat. 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407 e 408) e oito de legenda curta – IMP CLAVDIVS AVG – (cat. 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416 e 417) e outras cinco de legenda duvidosa (cat. 418, 419, 420, 422 e 423). Da emissão de 269 – 270 existem cinco moedas (cat. 424, 425, 426, 427 e 429). Ainda de Roma, póstuma de Cláudio II, tipo altar, existe uma moeda, cunhada possivelmente com Aureliano (cat. 443).

De Milão, da emissão de 269, existem três moedas (cat. 431, 432 e 433) e da emissão de 270 foi registado um *antoninianus* (cat. 435).

Da Siscia existem quatro moedas: três cunhadas em 269 (cat. 437, 438 e 439) e outra de 270 (cat. 440).

De Cízico foi registado um único exemplar, cunhado em 269 (cat. 441).

Referente às imitações locais, póstumas, tipo altar e águia, contam-se quatro exemplares (cat. 447, 449, 455 e 456).

Claudio II

	268-269	268-269 (legenda longa)	269 (legenda curta)	268-269 (legenda duvidosa)	269	269-270	270	Depois de 270 (Póstumas)	Total
Roma	5 (cat. 394, 396, 397, 398, 399)	9 (cat. 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408)	8 (cat. 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417)	5 (cat. 418, 419, 420, 422, 423)		5 (cat. 424, 425, 426, 427, 429)		1 (cat. 443)	33
Milão					3 cat. 431, 432, 433)		1 (cat. 435)		4
Siscia					3 (cat. 437, 438, 439)		1 (cat. 440)		4
Cízico					1 (cat. 441)				1
Locais (imitações)								4 (cat. 447, 449, 455, 456)	4
Total	5	9	8	5	7	5	2	5	46

O último período que forneceu oito moedas, inclui os reinados de Quintilo, Aureliano, Severina e Probo. De Quintilo existem quatro *antoniniani*, cunhados em Roma, em 270 (cat. 460, 461, 462 e 463); de Aureliano existem dois *antoniniani*, um cunhado em Milão em 274 (cat. 469) e outro cunhado em Cízico em 271-272 (cat. 470); de Severina existe um *denarius* cunhado em Roma em 274 e inícios de 275 (cat. 472) e , finalmente, em nome de Probo conta-se outro *denarius* de 281-282, cunhado em Roma (cat. 473).

Quintilo, Aureliano, Severina e Probo

		270	271-272	274	281-282	Total
Quintillvs	Roma	4 (cat.460, 461, 462, 463)				4
Aurelianvs	Milão			1(cat.469)		1
	Cízico		1(cat.470)			1
Severina	Roma			1(cat.472)		1
Probus	Roma				1(cat.473)	1
Total		4	1	2	1	8

Conclusões

A primeira conclusão relaciona-se com a integridade do conjunto. O tesouro está incompleto. As informações que recentemente obtivemos são fidedignas e contrariam, em parte, o que fora anteriormente afirmado (Pereira, 1993).

A segunda conclusão refere-se à ausência de exemplares atribuídos ao Império Gálico. Apesar de todas as interrogações, quanto à inexistência destes espécimes, é certo, todavia, a fraca densidade da sua circulação na Península Ibérica e a sua não aceitação como moeda digna de ser entesourada.

A terceira conclusão alude ao horizonte temporal do tesouro. As moedas mais antigas datam de 261, cunhadas em nome de Galieno (cat. 331 e 332) e a mais recente em nome de Probo (cat. 473). Trata-se de um *denarius*, em muito bom estado de conservação e pouco gasto. Por outro lado, o núcleo das moedas póstumias de Cláudio II, tipo águia e altar apresentam algum desgaste e sinais de circulação.

Finalmente, pelo o que observamos, é lícito pensar que o enterramento do tesouro se verificou nos finais do séc. III.

II- Catálogo (ver ficheiro do Excell)

III – As Moedas – Fac-Simile do texto de autoria do Dr. João da Cruz e Silva

IV- Bibliografia

1. Miróbriga : História do Sítio , das Coleções e do Museu

- ABASCAL PALAZON, J. M. . 1994. *Les Nombres Personales en las Inscriptions Latinas de Hispania*. Murcia.
- ALARCÃO, Jorge de. 1968. Vidros Romanos de Museus do Alentejo e Algarve. *Conimbriga*, 7, Coimbra, pp.29-32.
- ALARCÃO, Jorge de. 1973. *Portugal Romano*. Lisboa (Coleção História Mundi).
- ALARCÃO, Jorge de. 1976. Sobre a Economia Rural do Alentejo na Época Romana. *Conimbriga*, 15, Coimbra, pp. 11 - 44.
- ALARCÃO, Jorge de. 1978. Vidros Romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia. *Conimbriga*, 17, Coimbra, pp. 101-112.
- ALARCÃO, Jorge de. 1985. Sobre a Romanização do Alentejo e do Algarve (a propósito de uma obra de José de Encarnação). *Arqueologia*, 11, Porto, pp. 99-111.
- ALARCÃO, Jorge de. 1988. *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa.
- ALARCÃO, Jorge de. 1989 Recensões Bibliográficas (a propósito de uma obra de William R. Biers). *Conimbriga*, 28, Coimbra, pp.243-245.
- ALARCÃO, Jorge de. 1990. Identificação das Cidades da Lusitânia Portuguesa e dos seus Territórios. *In Les Villes de Lusitanie Romaine*. Paris, pp. 21-34.
- ALARCÃO, Jorge de. 1999. Três Notas sobre o Alentejo Romano. *Almadan*, 2ª serie, 8, Almada, pp. 72 – 74.
- ALMEIDA, D. Fernando de. 1963. Nota sobre os Restos do Circo Romano de Miróbriga dos Célticos. *Revista Guimarães*, 73, Guimarães, pp.147 – 154.
- ALMEIDA, D. Fernando de. 1964. *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*. Setúbal.

- ALMEIDA, D. Fernando de. 1988. Breve Nota sobre o Santuário Campestre Romano de Miróbriga dos Célticos (Portugal). *Gerion*, Madrid, anexo I, pp. 19-33.
- AMARO, Clementino e BARRETO, Manuel Rosivelt dos Santos. 1982. *Villa Romana da Herdade de Conqueiros*, (Alvalade Sado). *Informação Arqueológica*, 2, Lisboa, pp. 79 – 82.
- ARTHUR, Maria de Lourdes da Costa. 1983. Meróbriga, Santiago do Cacém. *Caesaraugusta*, 57 – 58, Saragoza, pp. 51-109.
- BARATA, Maria Filomena dos Santos. 1993. Alguns Vidros Romanos do Museu de Santiago do Cacém. *Vipasca*, 2, Aljustrel, pp. 72-76.
- BARATA, Maria Filomena dos Santos. 1993. A Cidade Romana de Miróbriga, Portugal. *Revista de Arqueologia*, 145, Madrid, pp. 36-47.
- BARATA, Maria Filomena dos Santos. 1993. A Cidade Romana de Miróbriga. *Al-madan*, 2.^a Série, 2, Almada, pp. 13-20.
- BARATA, Maria Filomena dos Santos. 1994. A propósito do Touro esculpido de Miróbriga. *Vipasca*, 3, Aljustrel, pp. 73-77.
- BARATA, Maria Filomena dos Santos. 1994. O Território de Miróbriga. In *Actas do XIV Congresso Internacional de Arqueologia Clássica*, 2, Tarragona, pp. 128 – 132.
- BARATA, Maria Filomena dos Santos. 1998. *Miróbriga: Urbanismo e Arquitectura*, Porto. Dissertação de Mestrado. Policopiado.
- BARATA, Filomena; CORREIA, Susana e SILVA, António Carlos. 1992. *Miróbriga no Mundo Romano*, Santiago do Cacém.
- BIER, William e *alli*. 1981. *Investigações em Miróbriga*, Santiago do Cacém.
- BIER, William e *alli*. 1981. Investigations at Miróbriga, Portugal in 1981. *Muse*, 15, Missouri – Columbia.
- BIER, Jane e William; SOREN, David. 1982. Excavations at Miróbriga: the 1982 Season. *Muse*, 16, Missouri –Columbia.

- BIER, Jane e William; SLANE, Kathleen W.; SOREN, David. 1983. Miróbriga: the 1983 Season. *Muse*, 17, Missouri – Columbia.
- BIER, Jane; DARLING, Janina; MIKSICEK, Charles; SLANE, Kathleen W.; SOREN, David. 1984. Miróbriga. A Portuguese – American Project in Southern Portugal. *Muse*, 18, Missouri – Columbia.
- BIER, William e *alli*. 1988. Miróbriga, *BAR Internacional*, Series 451, Oxford.
- CABRAL, Maria Elizabeth Figueiredo Neves. 1976-1977. Lucernas Romanas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, Setúbal, pp. 455 – 470.
- CAEIRO, José Olivio. 1985. Miróbriga: 1982. Santiago do Cacém. *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, 128- 129.
- CENTENO, R. M. S.. 1983. A Dominação Romana, *História de Portugal*, 1, Lisboa, pp. 197- 200.
- CORREIA, Susana Helena. 1987. Estação Arqueológica de Miróbriga (Santiago do Cacém). Balanço de uma Investigação e Perspectiva de Intervenções Futuras. *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*, 2.^a Série, 1, Santiago do Cacém pp. 47-50.
- CORREIA, Susana Helena. 1990. Miróbriga, *In Roteiros de Arqueologia Portuguesa*, 3, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa.
- CORREIA, Susana Helena, OLIVEIRA, José Carlos. 1992. Intervenção Arqueológica do Serviço Regional da Arqueologia da Zona Sul no Baixo Alentejo. *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, 32, Porto, pp. 315- 321.
- DARLING, Janine K.; MIKSICEK, Charles; SOREN, David. 1984. Miróbriga a Portuguese American Project in Southern Portugal. *Muse*, 18, Missouri - Columbia.
- DIAS, Luisa Ferrer. 1976-77. *Terra Sigillata* de Mirobriga. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, Setúbal, pp.361 – 410.
- DIAS, Nélia e *alli*. 1998. Museu Municipal de Santiago do Cacém. *In Roteiro de Museus Alentejo e Algarve (Coleções Etnográficas)*. 2, Lisboa, pp. 71-75.

- DOMERGUE, Claude. 1987. *Catalogue des Mines e des Fondaries Antiques de la Peninsule Ibérique*, 1, 2. Paris.
- ENCARNAÇÃO, José d'. 1984. *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, José d'. 1992. No Tempo dos Romanos, Sines teve uma estátua do Deus Marte. *O Distrito de Setúbal*, 18. 08, p.12.
- ENCARNAÇÃO, José d'. 1996. Problemas em Aberto na Epigrafia Mirobrigense. *Conimbriga*, 35, Coimbra, pp.129-146.
- ETIENNE, Robert, e *alli*. 1994. *Um Grand Complex Industriel a Troia (Portugal)*. Paris.
- FALCÃO, José António e *alli*. 1988. Epigrafia Romana do Concelho de Santiago do Cacém. *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*, 2ª Série, 2, Santiago do Cacém, pp. 37-49.
- FARIA, António Marques de. 1989. A Presença Romana no Território Português. *Conimbriga*, 28, Coimbra, pp. 53-69.
- FARIA, António Marques de. 1995. Plínio – O – Velho e os Estatutos das Cidades Privilegiadas Hispano - Romano e localizadas no Actual Território Português. *Vipasca*, 4, Aljustrel, pp. 89-99.
- FEIO, Mariano. 1983. *Le Bas Alentejo et Algarve*. Évora.
- FERREIRA, Carlos Jorge Alves e *alli*. 1993. *O Património Arqueológico do Distrito de Setúbal*. Setúbal.
- FORTES, Mário. 1977. *Ruínas Romanas de Miróbriga. Qualidade Visual da Paisagem : Programa Preliminar*. Lisboa.
- GUERRA, Amílcar. 1995. *Plinio – O – Velho e a Lusitânia*. Lisboa.
- MAIA, Manuel. 1980. Povos do Sul de Portugal nas Fontes Clássicas. *Clio*, 2, Lisboa, pp.67-70.

- MAIA, Manuel; MAIA, Maria Garcia. 1996. Os *Castella* do Sul de Portugal e a Mineração da Prata nos Primórdios do Império. In *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, pp.60-81.
- MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM, 2001. *Adesão Rede Portuguesa de Museus*, Santiago do Cacém. Policopiado.
- NOLEN, Jeanette – Smit. 1976-1977. Alguns Fragmentos de “Paredes Finas” de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*, 2, 3, Setúbal, pp. 423-454.
- PASTOR MUÑOZ, Maurício; PACHÓN ROMERO, Juan Antonio. 1993. Mirobriga Turdolorum: Síntese Histórico - Arqueológica. In *Actas do II Congresso Peninsular da História Antiga*, Coimbra, pp. 597-621.
- PEREIRA, Maria Adelaide Garcia. 1971. Subsídio para o Estudo da *Terra Sigillata* de Mirobriga. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 433-444.
- LEAL, Pinho. 1874. *Portugal Antigo e Moderno – Dicionário*. Lisboa.
- PONTE, Salete da. 1979. As fíbulas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*, 5, Setúbal, pp.195-204.
- QUARESMA, J.C. 1999. *Terra Sigillata* Africana, Hispanica, Foceense Tardia e Cerâmica Africana de Cozinha de Miróbriga. *Conimbriga*, 36, Coimbra, pp. 137-200.
- QUARESMA, J.C. 1999. *Terra Sigillata* Africana e Foceense Tardia nas Escavações Recentes de Miróbriga (Chãos Salgados, Santiago do Cacém). *Revista Portuguesa de História*, série 2, 2, Lisboa, pp. 68-81.
- RESENDE, André de. 1593. *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Liv. IV, Évora.
- SANTOS, M. L. Afonso dos. 1971-1972. *Arqueologia Romana do Algarve*. Lisboa. (2 vols).
- SILVA, Pe. António Macedo e. 1866. *Annaes do Municipio de Sant'Lago do Cacem*. Beja.

- SILVA, Carlos Tavares da e SOARES, Joaquina. 1978. Cerâmica Pré-Romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 5, Setúbal, pp.159-184.
- SILVA, João da Cruz e. 1944, 1945, 1946. Apontamentos e Considerações sobre as Pesquisas Arqueológicas Realizadas desde 1922 nos Concelhos de S. Tiago do Cacem, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*, 1,2,3, Beja; 1, pp. 222 – 231; 2, pp. 291 – 299; 3, pp. 336-351.
- SILVA, João da Cruz e. S/D. Concelho de Santiago do Cacém: Notícia Histórica, *In Baixo Alentejo*, p.1065.
- VIANA, Abel. 1946. A Arqueologia do Baixo Alentejo na Obra do Bispo Pacense, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas – Boas. *Arquivo de Beja*, 3, Beja, pp. 1-2.
- VILHENA, A.. 1938. *Roteiro da Vila de Santiago do Cacém*, Lisboa.

2. Numismática

- ABASCAL PALAZON, J. M.. 1994. *Les Nombres Personales en las Inscriptions Latinas de Hispania*. Murcia.
- ALFOELDI, A.. 1967. *Studien zur Geschichte der Weltkrise des 3 Jahrhunderts nach Christus*. Darmstadt, pp. 1-15.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. ; MAYET, F. e *alli*. 1990. *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris, pp. 195 – 233.
- BASTIEN, P. .1964. *La Monnayage de Magnence (350-353)*. Wettern (Numismatique Romaine, Essais, Recherche Documents, I).
- BELTRAN, A. .1949. *Las monedas latinas de Cartagena*, Murcia.
- BELTRAN, A. .1952. Sobre las Antiguas Monedas Hispánicas y especialmente de Carthagonova. *Numisma*, 2, Madrid, pp. 9-40.
- BELTRÁN LORRIS. F. . 1978. La Magistrados Monétales en Hispania. *Numisma*, 28, Madrid, pp. 169 – 211.
- BELTRÁN – MARTINEZ, A. .1978. Nuevas aportacions al problema de los bronzes de Augusto con caetra o panoplia acuñados en el Noroeste de España. *Numisma*, 28, pp. 157 – 67.
- BLAND, Roger; BURNETT. .1988. *The Normandy Hoard and other Roman Coin Hoard*. Londres.
- BOST, Jean-Pierre e *alli*. 1992. *L'Épave Cabrera III (Majorque). Échanges Commerciaux et circuits monétaires au milieu du III Siécle après Jesus – Christ*. Paris.
- BOST, J. P. ;PEREIRA, I. .1973 – 1974. Les Monnaies d' Imitation de Claude Ier trouvées sur le Site de *Conimbriga (Portugal)*. *Numisma*, 23-24, Madrid, pp. 167 – 181.
- BRUCK, G. .1961. *Die spätrömische Kupferprägung. Ein Bestimmungsbuch für schlecht erhaltene Münzen*. Graz.

- CALLU, J. P. .1969. *LA Politique Monétaire des Empereurs Romains de 238 – 311*. Paris. (BEFAR 214)
- CALLU, J. P. ; PANVINI – ROSATI, F. .1964. Le dépôt monétaire du Pazzarello (Bolsena). *Mélanges de l'École Française de Rome*, 76, pp. 51-90.
- CAMPO, M.. 1974. El Problema de las Monedas de Imitation de Claude I en Hispania. *Acta Numismática*, 4, Barcelona, pp. 153 – 163.
- CAMPO, M.; FERNÁNDEZ, J. H. .1977. El Tesoro de Talamance: sestertios de Tito a Guardiano III. *Acta Numismática*, 7, Barcelona, pp. 89-101.
- CAMPO, Marta; RICHARD, Jean-Claude; KAENEL, Hans-Marcus von. 1981. *El Tesoro de la Poble de Mafumed (Tarragona)*. Barcelona.
- CARSON, R. A. G. .1967-1968. The Hamâ hoard and the eastern mint of Valerian and Gallienus. *Berytus*, 17, Beirut, pp. 123-142.
- CARSON, R. A. G. .1990. *Coins of the Roman Empire*. Londres e New York.
- CAVADO NIETO, M. .1972. Hallazdos Monetarios en Castros de Galicia. *Boletín del Seminario de Estudos de Arte y Arqueología*, 38, Valhadolid, pp. 211-248.
- CAVADO NIETO, M. .1973. Circulación Monetaria Romana en la Provincia de la Coruña. In *XII Congress Nacional de Arqueología*, Jaén, 1971, Saragoça, pp. 753 – 762.
- CENTENO, R. M. S. .1977. O tesouro de *denarii* do Alto do Corgo (concelho de Valença). *Conimbriga*, 16, Coimbra, pp. 93-101.
- CENTENO, R. M. S. .1983. A Dominação Romana. In *História de Portugal*, 1, Lisboa, pp. 149-211 (dirigida por J.H. Saraiva).
- CENTENO, R. M. S. .1987. *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*. Porto.

- CHAVES TRISTÁN, F. .1979 e 1981. Las cecas Hispano-Romanas de Ebora, Julia Traducta e Colonia Romula. *Numisma*, 29, 31, Madrid; 29, pp. 9-91; 31, pp. 33-71.
- COSTA, A. I. Marques da. 1930-1931. Estudo Sobre Algumas Estações da Época Luso – Romanas nos Arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 29, Lisboa, pp. 2-31.
- CRAWFORD, M. H. .1969. *Roman Republican Coins Hoard*. Londres.
- CRAWFORD, M. H. .1970. Money and Exchange in Roman World. *Journal of Roman Studies*, 60, Londres, pp. 40 – 48.
- CRAWFORD, M. H. .1974. *Roman Republican Coinage*. Cambridge. (2 vols.).
- CRAWFORD, M. H. .1985. *Coinage and Money under the Roman Republic. Italy and the Mediterranean Economy*. London.
- ELMER, G. .1941. Die Münzprägung der gallischen Kaiser in Köln, Trier und Mainland. *Bonner Jahrbücher*, 146, Bona, pp. 1-106.
- FARIA, A. Marques de. 1989. A Numaria de *Cantnipo. *Conimbriga*, 28, Coimbra, pp. 71-91.
- FARIA, A. Marques de. 1992. Ainda sobre o Nome Pré-Romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*, 1, Aljustrel, pp. 39-48.
- FARIA, A. M. de. 1994. Nome de Magistrados em Moedas Hispânicas. *Portugalia*, nova série, 15, Porto , pp. 33-60.
- FARIA, António Marques de. 1996. Os Nomes dos Magistrados em Moedas Hispânicas. Correções e Aditamentos. *Conimbriga*, 35, Coimbra, pp. 147 – 189.
- FARINÃ BUSTO, F. .1973. Notas sobre la Circulation Monetaria a Mediados del Siglo III después de Cristo en le Noroete Peninsular. *In XII Congreso Nacional de Arqueología, Yaen 1971*, Saragoça, pp. 747 – 752.
- GARCIA - BELLIDO, M. P. . 1976. Las Series más Antiguas de Castulo. *Numisma*, 26, Madrid, pp. 97-110.

- GARCIA - BELLIDO, M. P. . 1982. *Las Monedas de Cástulo con Escritura Indígena. História Numismática de una Ciudad Minera*. Barcelona.
- GARCIA – BELLIDO, M. P.; BLÁSQUEZ, C. .1995. Formas y Usos de las Magistraturas en las Monedas Hispánicas. *In La Moneda Hispanica : Ciudad y Territorio: actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua; (Madrid, Noviembre 1994)*. Madrid, pp. 381 – 427.
- GIL FARRES, O. .1966. *La Moneda Hispánica en la Edad Antigua*. Madrid.
- GRANT, M. .1949. The Decline and Fall of city Coinage in Spain. *The Numismatic Chronicle*, 9, London, pp. 93 – 106.
- GRICOURT, J. .1958. Le Trésor de Bavai. *Trésors Monétaires et Plaques – Boucles de la Gaule Romaine, Bavai, Montbouvry, Chécy*. Paris, pp. 3-318 (XII^e supplément à Gallia).
- GUADÁN, A. M. de. 1969. *Numismática Ibérica e Ibero – Romana*. Madrid. (Biblioteca Archeologica, VI).
- GUADÁN, A. M. de. 1980. *La Moneda Ibérica. Catálogo de Numismática Ibérica e Ibero-Romana*. Madrid.
- HIPÓLITO, M. de Castro. 1960 – 1961. Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal. *Conimbriga*, 2-3, Coimbra, pp. 1-166.
- HUVELIN, H. e *alli*. 1994. Le trésor d’Esbarres 1979 (Côte d’ Or): 236 monnaies et 3 bijoux enfouis Ca. 260. *Trésors monétaires*, 14, Paris, pp. 9-16.
- HUVELIN, H; BASTIEN, P. .1974. Emission de l’Atelier de Rome et Chronologie des Règnes de Claude II, Quintille et Aurélian, *Bulletin de la Société Française de Numismatique*, 29, Paris, pp. 534 – 538.
- LAFAURIE, J. .1964. La Chronologie des Empereurs Gaulois, *Revue Numismatique*, 6^a série, 6, Paris, pp. 91 – 127.
- LALLEMAND, J. e THIRION, M. .1970. *Le trésor de Saint – Mard I. Étude sur le Monnayage de Victorin et des Tétricus*. Wetteren, (Numismatique Romaine, Essais, Recherches et Documents, VI).

- MATTINGY, H. ; SYDENHAM, Edward A.; SUTHERLAND, C. H. V.; PEARCE, J.W.E.; CARSON, R. A. G.; KENT, J. P. C.; BURNETT, A. M. .1926-1984. Roman Imperial Coinage, Londres.
I – Augustus – Vitellus. 1984.
II – Vespasian – Hadrian. 1926.
III – Antoninus Pius – Commodus. 1930.
IV,1 – Pertinax – Get., 1936.
IV,2 – Macrinus – Popienus. 1938.
IV,3, - Gordian III – Uranius Antoninus. 1949.
V,1 –Valerian – Florian. 1927.
V,2 – Probus – Amandus. 1933.
VI – Reform of Diocletian – Death of Maximinus. 1967.
VII – Constantine and Licinius. 1966.
VII – The Family of Constantine. 1981.
IX – Valentinian I – Theodosius. 1951.

- MARTÍN VALLS, R. .1966. La Circulacion Monetaria Ibérica. *Boletín del Seminario de Estudos de Arte y Arqueología de Valladolid*, 32,Valladolid, pp. 207-366.

- NUNES, Maria Luísa Abreu. 1972. Moedas Romanas de Miróbriga. *In Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 185 – 193.

- NUNES, Maria Luísa Abreu. 1973. *Tesouro Romano do Séc IV de Tróia de Setúbal*. Lisboa: Policopiado (Dissertação de Licenciatura em História. Faculdade de Letras – II vols).

- PARENTE, João. 1997. *Museu de Vila Real: Moedas I*, Vila Real.

- PENA, M. J. .1995. Algunas Observaciones sobre la Forma de los Nombres de los Magistrados Monetales en la Epoca Republicana. *In La Moneda Hispánica: Ciudad e Territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua, Madrid, Noviembre, 1994*. Madrid, pp. 275 – 279.

- PEREIRA, I. ; BOST, J. P. ; HIERNARD, J. .1974. Les monnaies. *In Fouilles de Conimbriga, III*. Paris.

- PEREIRA, Isabel. 1991, 1992 e 1993. Tesouro do Monte do Cavaleiro. Algarve. *Acta Numismática*. 21, 22 e 23, Barcelona, pp. 303 – 314 (Homenagem ao Dr. Leandre Villaronga).

- PEREIRA, Maria Isabel Sousa. 1997. O Museu e a Colecção de Moedas: Santiago do Cacém. *In Pelo Caminho das Pedras*, Santiago do Cacém, pp. 23-26.
- PEREIRA, Maria Isabel Sousa. 1999. A Circulação Monetária em Miróbriga. *In Actas II Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4, Alcalá – Zamora, pp. 289 – 302.
- PINK, Karle. 1949. Der Aufbau der römischen Münzprägung in der Kaiserzeit: V/I, Probus. *Numismatische Zeitschrift*, 73, Wien, pp. 1-74.
- H. G. Pflaum e P. Bastien. 1969. *Le trouvaille de Çanakkale (Turquie). Deniers et Antoniniani émis de 261 – 284*. Wetteren, (Numismatique Romaine, Essais, Recherches et Documents, IV).
- REECE, R. 1987. *Coinage in Roman Britain*. London.
- RICHARD, J. C. M.; VILLARONGA, L. .1973. Recherches sur les Étalons Monétaires en Espagne et en Gaule du Sud antérieurement à l'époque de Auguste. *Mélanges de la Casa Velásquez*, 9, Madrid, pp. 81 – 131.
- ROBERTSON, A. S. .1962, 1971, 1977, 1978, 1982. *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet, University of Glasgow*, Londres.
I – Augustvs - Nerva
II – Trajan-Commodus
III – Pertinax- Aemilian
IV – Valerian I –Allectus
V – Diocletian (Reforme) - Zeno
- SANTOS, M. Farinha dos. 1972. Moedas Hispânicas Recolhidas no Cabeço de Vaiamonte, (Monforte, Alto Alentejo). *Anais de Academia Portuguesa de História*, II série, 21, Lisboa, pp. 493-511.
- SANTOS, M. Farinha dos. 1977. Moedas com Inscrição Púnica de Quatro Oficinas Hispânicas do Litoral, Pertencentes ao Museu de Évora (Portugal). *In Actas do XIV Congresso Nacional de Arqueologia*, Saragoça, pp. 795-810. (De colaboração com Graciano Marques).
- SANTOS, M. Farinha dos. 1979. A Oficina Monetária Lusitana Romana de Mérida e a sua Representação no Museu de Évora. *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, 25, Lisboa, pp. 421- 465.

- SANTOS, M. Farinha dos. 1982. Algumas Oficinas Monetárias Hispânicas representadas no Museu de Évora. *FN (Filatelia Numismática)*, 10 de Fev. pp30-31, Março pp. 31-32 e Abril p. 30.
- SUTHERLAND, C. H. V. .1976. *The Emperor and the Coinage. Julio-Claudian studies*. Londres.
- SYDENHAM, E. A. .1952. *The Coinage of The Roman Republic*. London.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina e SANTOS, Manuel Farinha dos. 1973. Moedas Hispânicas do Povoado do Padrão, Setúbal. *In Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 307-318.
- THIRION, M. .1967. *Les trésors monétaires gaulois et romains trouvés en Belgique*. Bruxelas. (Cercle d' Études Numismatique, Travaux, 3).
- THOMSEN, R. .1957 – 1961. *Early Roman Coinage. A study of the chronology*. Copenhaga (3 Vols).
- TURCAN, R. .1961. Trésors Monétaires trouvés à Tipasa: la Circulation du Bronze en Africa Romaine et Vandale aux V et VI Siècles après Jésus – Christ. *Libyca*, 9, Beirut, pp. 201 – 257.
- VICENTE, E. Prescott. 1970. A Inscrição com Caracteres Tartessicos em Moedas Atribuídas a Salacia. *Ethnos*, VII, Porto, pp. 63 – 74.
- VILLARONGA, L. .1967. *Las Monedas de Arse – Saguntum*. Barcelona.
- VILLARONGA, L. .1970. Emisión Monetaria Augustea con Escudo Atribuible a P. Carisio y a la Zona Norte de Hispania. *In XI Congreso Nacional de Arqueologia, Mérida*, 1968. Saragoça, pp. 591 – 600.
- VILLARONGA, L. .1973-1974. El Sistema Metrológico Semiuncial Romano. *Numisma*, 23-24 (n.^{os}. 120 – 131), Madrid, pp. 155 – 165.
- VILLARONGA, L. .1974. *Sestertius e Dupondius* de cobre de Augusto y Tibério en Hispania. *Quaderni Ticinesi. Numismatica e Antichità Classiche*. Lugano, pp. 103 – 119.

- VILLARONGA, L. .1979. *Numismática Antigua de Hispania. Iniciación a su estudio*. Barcelona.
- VILLARONGA. L. .1994. *Corpus Nummum Hispaniae Ante Augusti Aetatem*. Madrid.
- VIVES y ESCUDERO, A. .1924 – 1926. *La Moneda Hispánica* . Madrid.

V – Fontes Manuscritas

ALMEIDA, D. Fernando. 1972. *Miróbriga dos Célticos – Delimitação da Área Arqueológica e Incremento das Escavações*. Documento inédito. Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM. 1931. *Livro das Actas das Reuniões Ordinárias da Câmara*. Manuscrito. Arquivo Municipal de Santiago do Cacém.

SILVA, João da Cruz e. 1938. As Moedas. *In: Livro de Registo das Moedas e Medalhas*. Manuscrito. Museu Municipal de Santiago do Cacém.